

Elio de Lemos França

PERÍODOS

COLETANEA DE TRABALHOS LITERARIOS

PUBLICAÇÃO FEITA PELOS AMIGOS
DO AUTOR APÓS SUA TRAGICA
MORTE NA CACHOEIRA DE
PAULO AFONSO



— 1956 —

Edições MOCIDADE
MACEIÓ — ALAGOAS

Elio de Lemos França

Elio de Lemos França
cuja Edição de Santos Braga

PERÍODOS

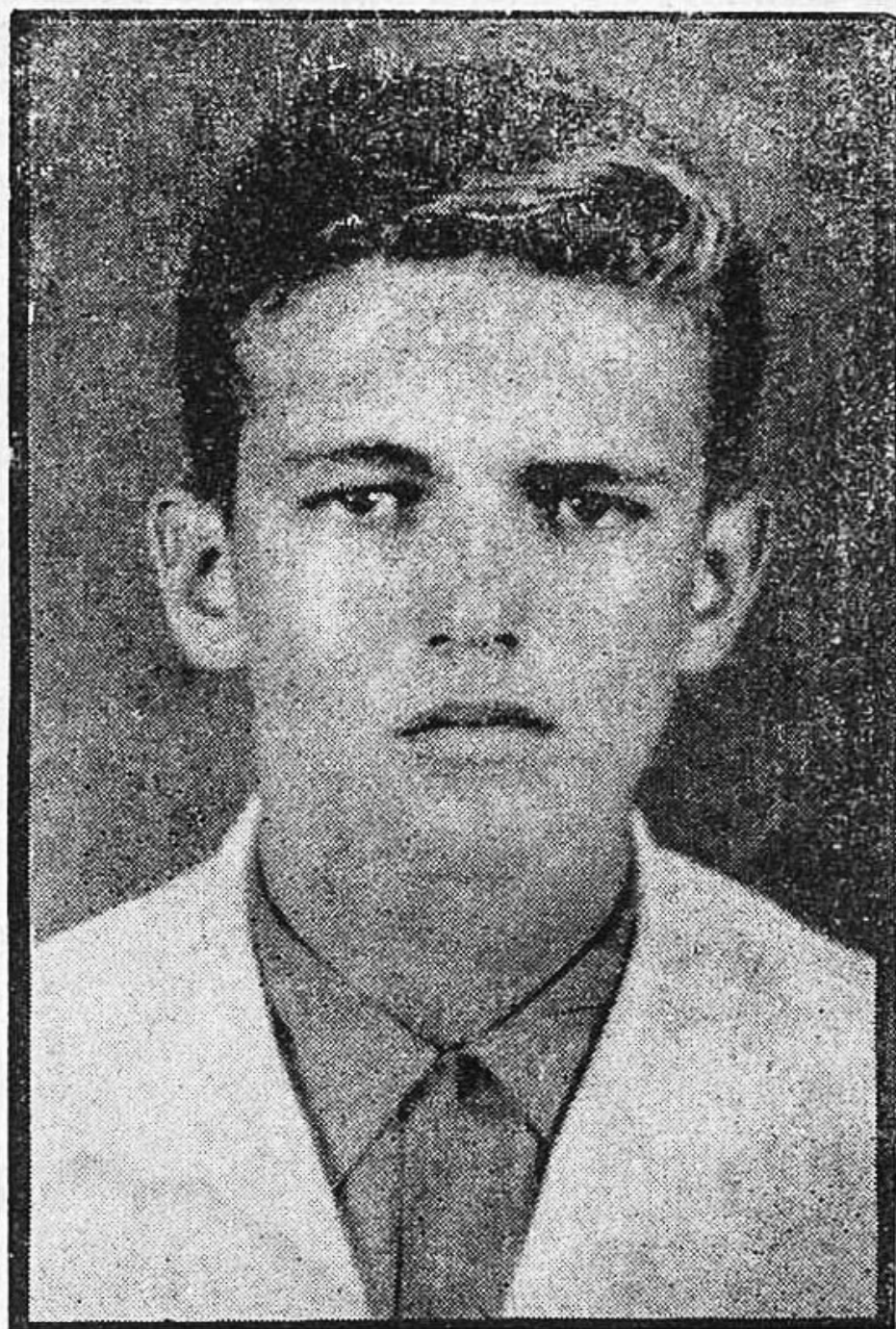
COLETANEA DE TRABALHOS LITERÁRIOS

PUBLICAÇÃO FEITA PELOS AMIGOS
DO AUTOR APÓS SUA TRÁGICA
MORTE NA CACHOEIRA DE
PAULO AFONSO



— 1956 —

Edições MOCIDADE
MACEIÓ — ALAGOAS



ELIO DE LEMOS FRANÇA

ELIO DE LEMOS FRANÇA

1938 — 1954

Elio de Lemos França nasceu em Maceió, a 18 de janeiro de 1938. São seus pais Eloi de Lemos França, funcionário do Departamento de Correios e Telégrafos, e Filomena de Freitas Lemos, funcionária estadual do Departamento de Saúde Pública. Foi batizado a 2 de julho do mesmo ano, tendo sido seus padrinhos de batismo o Sr. Waldir Cerreia das Neves e D. Aurinea Benevides Galvão. Foi consagrado ao Sagrado Coração de Jesús a 22 de julho de 1946, tendo tido como madrinha D. Iracema de Lemos Soares. Recebeu o Sacramento da Crisma também a 22 de julho de 1946, tendo sido seu padrinho, no ato, o Dr. José Maria Correia das Neves.

Cursou o Jardim Infantil durante o ano de 1943, tendo sido sua professora D. Laura Pimentel.

Em 1944 frequentou o Externato S. José, tendo tido como mestra D. Laura Dantas Santos.

Em 1945 cursou o Colégio Diocesano, onde, em 6 de outubro do mesmo ano, fez sua primeira comunhão. Em 1946 voltou ao Externato S. José, onde cursou o 3.º e 4.º anos do curso primário.

Entrou para o Colégio Guido de Fontgalland para fazer o curso de admissão de férias, em janeiro de 1948. Nos primeiros anos de seu curso ginásial, Elio se distinguiu nas sessões da Cruzada Eucarística, da qual foi orador oficial. Fazia seus discursos de improviso, sem qualquer anotação prévia, o que sempre causou a mais viva admiração dos que o ouviam. Sempre foi aplicado em seus estudos e revelou, desde os primeiros anos de seu curso, as qualidades que o distinguiram durante toda a sua vida estudantina: elevadíssima inteligência, jovialidade, caráter retilíneo, lealdade, grande bondade para com seus colegas.

Terminado seu curso ginásial em 1951, o diretor do Colégio Guido de Fontgalland convidou-o para ocupar o cargo de Secretário da Diretoria do Colégio, que vagara recente-

mente. Assumiu o cargo em dezembro de 1951. Por força de suas funções, teve de trabalhar para a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, da qual era presidente em Alagoas o Pe. Teófanés Barros. Elio entusiasmou-se pela obra, sendo em breve tempo escolhido para ser o Secretário Geral. Dedicou-se à Campanha com todo o seu entusiasmo de adolescente, contribuindo de modo singular para o progresso dos sete ginásios que a referida Campanha mantinha em Alagoas. Pode ser considerado por êste motivo um dos grandes benfeitores do ensino secundário alagoano.

Assumiu em 1953 a direção da Revista MOCIDADE, que atingiu então sua fase de maior esplendor.

Em junho de 1954 fundou com alguns colegas o Grupo Teatral Anchieta, do qual fez a apresentação no recital de estória, no auditório do Colégio Guido de Fontgalland.

Ainda neste mesmo ano, assumiu o cargo de Diretor do Departamento de Atividades Extra-Curriculares do Colégio. Êste Departamento tinha sido criado por proposta sua ao Diretor e visava orientar e estimular os grêmios literários das diversas séries dos cursos diurno e noturno do Educandário do Farol. Elio dedicou-se a êste encargo com grande entusiasmo. Cedo conquistou a amizade dos colegas, tendo sobre os mesmos uma ascendência admirável em sua idade.

Elio tinha uma personalidade marcante e inconfundível. Seu caráter era reto, e a lealdade para com seus amigos estava acima de tudo, Nunca mentia, nunca enganava. Sempre jovial, alegre, brincalhão, risonho, tinha às vezes assomos de inexplicável melancolia. Muito de seus trabalhos são sombreados pela idéia da morte. Falava em morrer cedo. Tinha, porem, belos ideais para o futuro, Era um desprendido de tudo. Nunca alimentava vaidade nem demonstrava apega ao dinheiro. Sabia ser amigo sincero e devotado. Tinha uma bondade extrema para com os seus colegas. Muitas vezes perdia horas datilografando trabalhos para garotos da 1.^a série ginásial, com uma paciência admirável. Não consta que tivesse um só inimigo. Vivía preocupado com os grandes problemas do mundo. Detestava a desonestidade, o peculato, a falsidade, a deslealdade e, até mesmo, a mediocridade. Ninguém, entretanto, tinha o espírito mais aberto para as grandes idéias. Tinha, apesar de sua tenra idade, um admirável senso de equilíbrio e um elevadíssimo espírito de justiça. Havia sido escolhido por seus colegas para orador da turma na festa de conclusão do Curso Científico.

Em fins de julho de 1954, Elio foi representar a Secção Estadual da Campanha em Congresso realizado no Rio de Janeiro. Teve atuação destacadíssima. Apresentou um trabalho sobre a necessidade de assistência educacional ao

adolescente desprovido de recursos, feito quase de improviso, arrancando aplausos calorosos de selecionadíssima assembléia, em que havia professores, jornalistas, radialistas e muitas pessoas de destaque. Terminado o trabalho, a Presidente da sessão propôs ao plenário um voto de especial louvor "ao mais jovem e mais brilhante dos nossos companheiros". Uma prolongada e estrepitosa salva de palmas constituiu a aprovação do plenário à proposta do Presidente.

Elio morreu tragicamente a 12 de outubro de 1954, quando acompanhava a 4.^a série ginásial do Colégio Guido de Fontgalland, em uma excursão à Cachoeira de Paulo Afonso. Um acidente, um escorrego em lugar perigoso faz deslizar Elio pelo abismo, à vista dos colegas em pânico. Escorrega com seu semblante normal, fitando os colegas, sem uma contorsão sequer, sem esboçar qualquer sombra de desespero. Cai nas águas da Cachoeira. Mergulha. Volta à tona. Tenta nadar. Dá uma braçada. O turbilhão das águas, porém, o arrasta para o abismo. Adeante, Elio ainda aparece. Ergue o braço, como se acenasse para os colegas com o último adeus.

Bem poderia ele, neste momento, ter-se lembrado daquele magnífico final da sua crônica **Torvelinho**, em que parece profetizar sua própria morte: "Não posso continuar aqui. Faz frio até. Mesmo a vida me espera, lá fora, longe dêste rugir alucinante da Natureza endoidecida".

Esperava-o a Vida Eterna, a Vida dos Eleitos. Esperava-o também a vida imortal entre os seus, entre os seus pósteros.

Exemplo grandioso e magnífico de um jovem que viveu apenas 16 anos e encontrou tempo para dedicar todas as energias de seu espírito às grandes causas que redimem a juventude.

Deus o tenha na sua glória.

Prezado Elio:

Sua turma não o esquecerá jamais. Receba esta homenagem dos colegas da 3a. série colegial diurna de 1954 do Colégio Guido de Fontgalland.

Maceió, 26 de outubro de 1954.

**Carlos Cardoso Pontes de Miranda
Décio de Araujo Lira
Edmar da Costa Barros
Enio Barbosa de Lima
Genival Mauricio Wanderley
Joubert Brandão Mascarenhas
Marcelo Pais Campelo
José Milton de Castro Almeida
Homero José França Limeira
Gui dos Anjos
José Francisco de Lima Filho
Vanildo Avelino da Silva
Walmar Coêlho Brêda
Nivaldo Wanderley de Omena
Rubens Vasconcelos.**

Elio:

Seu diretor, seu paraninfo, seu grande amigo lhe presta esta homenagem. Receba-a. Será a recordação perene dos anos que você viveu em nosso Guido, dos anos em que você trabalhou ardorosamente pela causa da elevação espiritual da mocidade.

Deus o conserve na gloria eterna.

Maceió, 26 de outubro de 1954.

Pe. Teofanes BARROS.

APRESENTAÇÃO

Este livro é a obra póstuma de Elio de Lemos França. Publicam-na seus amigos. Por ela, Alagoas e o Brasil vão conhecer êste menino de 16 anos cujo talento foi verdadeiramente prodigioso. Difícil conceber, em tão tenra idade, tamanha bagagem literária. Elio foi ensaísta, jornalista, poeta, contista, dramaturgo, epistológrafo, revelando em toões êstes gêneros de atividades literárias uma marca inconfundível e impressionante: Foi realmente genial. Escreveu com seu próprio nome e com os pseudonomos de Oile Somel e Elfio.

Publicando êste livro, os amigos de Elio pretendem prestar-lhe uma última homenagem. Seus trabalhos literários continuarão sua presença entre nós. Isto será um conforto pela dôr de sua perda.

PERÍODOS é o título. Elio sonhava publicá-lo em vida. Fôra o título que êle próprio escolhera para seu primeiro livro. Nada quisemos alterar.

Elio não escreveu somente o que aqui está: coligimos o que pudemos apanhar em jornais, revistas e em seus colecionadores.

Editando PERÍODOS, os mestres e colegas de Elio, especialmente seus companheiros de classe, os concluintes do Curso Científico Diurno de 1954 do Colégio Guido de Fontgalland, juntam a esta última homenagem uma prece, uma lágrima de saudade.

Verdadeiro prenuncio de sua tragica morte, Elio publicou este maravilhoso trabalho pouco dias antes do desastre que o arrebatou da vida.

TORVELINHO

Águas caindo precipitadamente. E' bonito ver como as coisas do mundo caem precipitadamente. E os homens gostam de ver o despencar das coisas.

E' um cair estouvado, o das águas, cachoeira abaixo. E, lá nas pedras escuras e polidas, o choque fragoroso, o despedaçar-se de cada gôta em mil partículas. O vento passando molhado pelo rôsto da gente.

Minutos bem compridos, enchendo-me o olhar de água de pedras, de espumas inquietas que giram endoidecidas. Parece-me que a Natureza está bêbeda, ou louca. Ou, então, epiléptica, a esbater-se em espasmos de fúria, ou de dôr.

Distante, o Sol, agora quase frio, parece uma pincelada de sangue, que algum louco homicida deu no azul do céu. E o horizonte faz lembrar certas pessoas: simbiose da placidez do azul e da púrpura violenta de um Sol despeitado com o cair da noite.

Minutos bem compridos, que passam por meus olhos misturados ao rumor e ao torvelinho das águas, por entre côres que lutam e se confundem, enroscados em pensamentos já muito lembrados, envelhecidos e gastos em suas idas e vindas, do ontem ao hoje, do hoje ao ontem...

Antíteses e silogismos mal traçados, quase sofismas. Crenças insustentáveis.

Ora, como se crê que possa a Vida voltar os próprios passos?! — Tolices. Mas estes pensamentos são assim meio loucos. Cheios de confusão. Parece que eles também giram, endoidecidos, dentro da espuma nervosa da cachoeira. Insensatos!

E os minutos a enroscar-se em pensamentos. E os pensamentos querendo enroscar-se em minha alma. Em meu corpo, também. Entorpecendo minhas pernas. Matando o brilho dos meus olhos. Molhando-os.

Anoitece, quase. Preciso de sair. A Vida me espera, lá fóra, longe destas águas que caem e deste rumor alucinante de gritos estrondosos — não sei se das águas que se desmo-

ronam, se das pedras que elas açoitam em seu cair ininterrupto. Anoitece quase, e eu não posso ir.

Noites felizes, que não voltam... Dias felizes, que não voltam... Horas felizes que não voltam...

— E quem disse que podem voltar os momentos felizes? Eles passaram. Seria egoísmo querer a Felicidade por muito tempo; é ela uma só para tôdas as pessoas. Uma pessoa de cada vez, como nas filas das bilheterias. Uma pessoa de cada vez, e por um só minuto. As que vêm atrás também têm direito a ela. Também pagaram o tributo de nascer.

Em compensação, há as lembranças. E as utopias, não são tantas? Por que não viver delas? Sòmente por serem fugidias? — A Vida também o é.

A noite quase que caiu inteiramente e uma estrela abriu o olho azul para o lado de cá. Está tão sòzinha e brilha com tanto interesse! Deve estar, como eu, olhando o despencar das águas. Tôdos gostam de ver o despencar das coisas .. Deve estar sonhando com noites já vividas, de um tempo em que ela não tinha de ficar sòzinha no meio do céu.

Anoitece. Surgem outras estrelas e a estrela bonita já não está sòzinha. Não posso continuar aquí. Faz frio até.

Mesmo, a Vida me espera, lá fóra, longe deste rugir alucinante da Natureza endoidecida.

A última poesia feita por Elio:

VOCÊ

Você é muito mais do que poderia querer para mim,
muito mais.

Como eu iria prever tanta felicidade junta?

Sou tão pessimista...

Não seria capaz,

jamais,

de imaginar seus olhos,

escuros assim, como tarde de chuva;

nem sua voz assim morena,

quieta, morna, diferente da Vida;

nem suas mãos assim leves;

nem seus lábios assim bondosos,

falando carinhos que encorajam,

que não me deixam ter medo da Vida,

assim vermelhos,

assim macios,

assim como tanto os amo!

Somente, quando era pequeno,

no tempo que Papai me puchava pela mão,

dei esmola a uma velhinha,

do rosto riscado de mazelas,

dos olhos mortiços de solidão,

de sonhos mortos,

esmagados,

que tinha uma voz rouca,

arrastada, que dava pena.

E ela me disse, lá do canto sujo da calçada,

que Papai do Céu me daria uma vida feliz,

diferente da dela,

e que uma moça

bem bôa e bem linda

gostaria de mim.

—Vamos, filho.

Papai me levou pelo braço

e levei nos olhos

a imagem de uma mocinha

bem bôa e bem linda

que me faria feliz...

Lembranças de Hoje

“Coisas que passam,
como as nuvens
e a inocência das crianças...”

Coisas que passam...

Um menino loiro, correndo de calças curtas, por entre os jardins maltratados da Praça Deodoro... Quantas vezes aquelas carreiras, e quantos tombos! Um par de joelhos, arranhados e sujos de poeira, andando depressa para casa. E as calças curtas, antes tão branquinhas, dão desgosto ver...

O menino de hoje é diferente. Misturou-se a maldade no fulgôr daqueles olhos esverdeados. E tomou-os inteiros para si. E a candura, a inocência de antes... — que se fez da inocência do menino loiro de calças curtas? — Ninguém sabe.

Tudo vai passando. Devagar. Devagar como tudo na vida. A Vida não tem pressa...

Um rôsto... outro rôsto... outro... e outro... e outro mais. Mil histórias diferentes, entrelaçadas, confundindo tudo. Luzes de festa e palôr do mêdo de pesadêlos repulsivos. E outro brilhar de festa, e de novo o horror das sombras, a côr negra dos sonhos maus...

Uma mocinha de tranças e olhos castanhos. Um sorriso bonito, exibindo os dentes brancos na tentação vermelha da boca bem feita. E uma linda face amorenada.

Mas há um espectro de morte por traz dela!

Depois, o despertar para o mundo. Um despertar que veio cêdo. O menino loiro começou a querer as coisas muito cêdo, Até ser feliz o menino loiro aprendeu a querer! Errado. A Infância é uma idade feita para ser-se feliz inconscientemente. Claro que sim.

Mas, que menino teimoso, o loirinho de olhos esverdeados! Resolvêra ser homem logo, para estar em condições de querer ser feliz. Atravessou correndo certos jardins proibidos que a Vida pretende que todos passem bem devagar. passo a passo. Jogou fora as calças curtas.

Então, começou a procurar a Felicidade. Difícil de encontrar, essa mocinha! E descreu em um Deus que não é a Felicidade. Que não é a Perfeição. Que não é o Bem Absoluto. E descreu no direito de os homens ditarem normas de vida para os outros homens. Não quis ser hipócrita. Então, co-

meçaram a dizer que ele ficou mau. Que a maldade tomou conta dos seus olhos. Dos seus pensamentos. Até dos seus passos.

Um dia, até um amor que ele tinha disse isto.

Aquele menino loiro, que, à força de ver tantos pesadêlos por detrás dos sonhos, deixara de idealizar, sonhou de novo. Creu. Tornou-se outra vez tão ingênuo que foi até capaz de crer na perenidade de alguma coisa. E sonhou mesmo, desenfreadamente. Sua imaginação criou para ele um castelo bonito, cheio de escadarias brilhantes de granito côr de rosa.

E dentro dele uns olhos castanhos bem escuros. Uma voz morna de ternura, falando carinhos encorajadores, jogando para longe dele a feiúra da Vida...

Mas, um dia...

Há sempre um "mas".

Havia cartas sobre a mêsã. Dentro da menina esverdeada dos olhos do menino loiro dos outros tempos, um perpassar de sonhos. Quiméras que lhe mentiram. E o granito do castelo pesando no peito. Pesando... Dezenas de cartas. Anos inteiros, em linhas impetuosas, ardentes, insofreadas. O retrato de um temperamento.

Levantaram-se seus olhos e tudo em torno lhe falou de fracasso.

Um dia... e outro dia... e outro dia... aquilo ainda escrito em tudo. Em letras feitas de mármore côr de rosa. De pedaços azulados, da côr do horizonte distante. Pedaços das imagens ilusórias que as cartas esfumaram. FRACASSO. FRACASSO...

Mas a Vida vai passando. Devagar. Devagar, porque a Vida não tem pressa.

O moço loiro continua.

Afinal, o mundo não é mais que um amontoado de coisas que passam.

IN EXTREMIS

“Nós dois... e, entre nós dois, implacável e forte
A arredar-me de ti, cada vez mais, a morte...”

Olavo BILAC

Pouco importa ao mundo o que se diz de alguém. E o que acontece pouco importa ao mundo.

Coisas...

O mundo — um punhado de coisas, sòmente. Um punhado de coisas. Sem ver e sem sentir. Sem, sequer, sonhar. Sem compreender. Vacias.

Noumenalidade. Inexistencia subjectiva. Mundo sòmente.

Surgir e desaparecer, num tumulto de sombras espavoridas. Vivendo de pedaços de sol e sorrisos de mentira. Negando a objetividade da própria existencia, para erigir estátuas de mármore, que o Tempo vai polindo, caprichoso, e tornando mais alvas. (Branco — a côr das fantasmagorias). Fantasmagorias feitas de sua fraqueza. E, depois, ainda é isto ser superior. Ser homem.

Senhos. Ilusões. Esperanças. Crenças... — Um dicionário inteiro de vacuidades. E mais: risos. Risadas infinitas; homens que riem diante de espêlhos. Isto é a Vida.

Esperas e quedas. Como se cada dia fosse sòmente a sala de espera de um anfiteatro. O mêdo de cair em cada gesto. Uma queda a cada passo. E entre uma e outra espera — entre um mêdo e outro — o encontrar-se desanimador com sombras. Encapuçadas e silentes, avançando por pupilas desmesuradamente abertas de olhos medrosos. Realidade más. Maldade do mundo.

A Morte escondida em cada mêdo. Em cada sombra.

MORTE — substancia má de que tôdas as sombras se constroem.

N. da E. — Esta crônica foi o último trabalho escrito pelo autor.

123 Anos de Imortalidade

12 de setembro de 1831.

É verdade que não há mais inverno em setembro, mas deve ter sido um dia de chuva. Um desses dias escuros, da cor da melancolia. Deve ter sido. Um dia assim como o de hoje. Não consigo imaginá-lo diferente. Não me parece justo pensá-lo com o estribilho alegre da passada, por entre a quentura do Sol. Não consigo reconstituí-lo cheio do mormaço e do vigor dos dias de verão. Deve ter sido um dia de chuva, nevoento, a arrastar-se por horas infundáveis, desalentado e triste.

Gatinhos de estimação a espichar-se preguiçosos sobre almofadas macias bordadas de azul e a chuva descendo devagar sobre São Paulo. Nas pontas de ruas, estão cheios de gente os botecos e cheios de histórias. Os clubes grãfinos também. A cidade, propriamente, como que adormece, calada que está, tremendo de frio. Tudo diferente. Tudo como somente se vê nos dias de chuva.

12 de setembro de 1831 — um dia vazio. “Vazio como uma mulher bela que morreu...”

O velho sobrado assistia ao nascimento de Álvares de Azevedo, Manoel Antonio Álvares de Azevedo.

“Criaturas da sombra e do mistério,
Ou no purpúreo céu doireis a tarde,
Ou pela noite cintileis medrosas,
Estrelas, eu vos amo!”

O homem que amava as estrelas, vivendo na obsessão de suas miragens fugidias. Que amava os cemiterios, onde vão os loucos e os poetas reviver mágoas e chorar perdidos amores, por entre a poeira das sepulturas. O poeta das imagens esvoaçantes e pálidas, distantes, loiras e enganosas... O rapazinho tímido que tremia com a visão da morte, porque ela iria roubá-lo ao sofrimento, que ele tanto amava. Roubá-lo ao tormento de sua incerteza, fonte de seus versos, quase que razão de sua vida.

“Duvido sempre. Descreio às vezes. Parece-me que este mundo é só um lôgro. O amor, a glória, a virgindade, tudo é ilusão”.

Tudo assim, para Álvares de Azevedo. Segundo seus conceitos, o amor era algo diferente, sublime demais para ser vivido. Assim como o “imponderabilíssimo e impalpável” de

Augusto dos Anjos, ou "tudo aquilo que resume o coração num beijo e a alma num perfume", do eterno Julio Dantas. Algo assim como um mito, uma quimera inatingível, um sonho sempre mentiroso. A gloria — que representaria a gloria para Azevedo? para ele, que era simples n'alma como uma casa de caboclo? Não acreditava na gloria. Tão perto dela, e não a enxergava! A virgindade deveria ser algo pura como o amor pudesse ser o símbolo da virgindade, ou a virgindade o símbolo do amor. A vida, o sonho e o pensamento deviam ser virgens; não somente a vida. Porisso, não encontrou a virgindade.

Porisso, ele talvez jamais amou. Conheceu mulheres, por certo. Beijou-as, talvez. Possivelmente apaixonou-o alguma. Mas a mulher dos seus arroubos ele não a encontrou na vida.

Ela deveria ser pálida e meiga como as noites de luar. Como a imaginava, levemente vestida de branco, boiando no mar, e se afastando, e se afastando... "Eu a quereria tão pura n'alma como no corpo. Quereria que ela houvesse sentido a menor emoção por ninguém. Nem por um primo, nem por um irmão... Que Deus a tivesse criado adormecida n'alma até ver-me, como aquelas princêsas encantadas dos contos — que uma fada adormecera por cem anos. Queria que um anjo a cobrisse sempre com seu véu e a banhasse tôdas as noites do seu óleo divino, para guardá-la santa! Queria que ela viesse criança transformar-se em mulher entre meus beijos".

Moço irreverente, aquele. Quanta coisa louca vibrava sob aquela cabeleira ondeada de poeta! Milhares de pensamentos insólitos. Punhados de impulsos insolentes a movimentar-se no descerrar dos seus lábios, a escorrer copiosos por entre a placidez quase cantante de sua voz semi-inaudível:

"Crer em Deus como a autopia do bem absoluto. o sol da luz e do amor, bem! Mas se entenderéis por ele os ídolos que os homens ergueram, banhados de sangue, e o fanatismo festeja em sua inanimação de mármore de há cinco mil anos! não creio nele!"

Moço irrevente, o Alvares de Avezêdo, e um sonhador incorrigível. Sonhar para chamar de mentiroso a si próprio. Mentiroso! Forjador de visões enganosas! Perverso! Por que o insensato vive a sobrecarregar com cravos de defunto um coração que anseia por flores lindas, rubras e tentadoras, flagrantes, maravilhosas?...

“Doê muito acordar de sonhos esperançosos, com o cadaver frio das esperanças sobre o peito!”

E assim sua vida. Uma cruz para cada ilusão. E tudo miragem. E em tudo intisfação. Vontade de romper os liames apertados da mediocridade. Necessidade insopitavel de ser ele próprio. Sem convenções. Sem sub-conceitos.

Os traços de sua vida, afinal, não interessam muito. Ele próprio não lhes dava importância. Escrevia mais sobre a morte do que sobre a vida. Sua obra, longe de dizer-lhe os gestos, diz-lhe o pensamento, conta o desespero dos seus tresloucados inebriamentos de tragédia, figuras feitas no palor sinistro das flores murchas que se espalham sobre as catacumbas, dos seios brancos enrijecidos de morte, que sua imaginação profana e goza, através das madrugadas de Veneza e Roma...

Byron... Vigny... Musset... Goethe... Shelley... Shakespeare... e a procissão formidável dos grandes espectros que criaram para a fantasia humana, tôdos em Álvares de Azevêdo, falando por sua bôca, renascendo em sua pena irrequieta, para viver outras incontáveis noites de orgias sem fim... “os lábios da garrafa, como os da mulher, só valem beijos enquanto o fôgo do vinho ou o fôgo do amor os borrija de lava...”

Depois, morreu. Também deve ter sido num dia de chuva. Não acredito que se deixasse morrer em dia bonito. Teria de morrer como viveu, pensou e sentiu: entre sombras.

25 de abril de 1852 — deve ter sido um dia de chuva. Desses em que pudesse sentir tôda a palidez e inconsistência da vida e quisesse morrer. Morrer de “splen”, de “splen”...

Pobres médicos, que não lhe compreenderam o gênio! Pobres médicos! “Enterite, com perfuração do intestino”. Claro que esses médicos não poderiam nunca compreender a grandeza de seu gênio! Como poderia Álvares de Azevêdo morrer de “Enterite, com perfuração do intestino”? Ele morreu de “splen”.

E fechou-lhe os olhos a triste irmã. O sonho era findo.

“Se uma eternidade se pode comprar por um sonho, o sonho que me embalou na minha existência bem valêra ser comprado por uma eternidade!”

Comprou, com o sonho de sua vida e do seu gênio, a eternidade. Ela é sua. Pouco importa que tenha morrido.

Somente, a Morte devia ter esperado um pouquinho mais. Afinal, não lhe custava nada. Ele poderia ter feito tanta coisa ainda! Cabe na cabeça de alguém essa história de ter vin-

do buscá-lo logo naquela época de sua vida, quando podia dar-nos tanto, ainda? Perversa! Fê-lo morrer, levou-o. Não havia necessidade disto. Mas ela não quis conversa. Não esperou mais nem um dia. Nem uma hora. Um minuto, sequer. Ele morreu mesmo. Morreu de "splen".

"Que fatalidade!"

13|9|54.

A LAGÔA

Não é nada demais; é somente a Lagôa.

Um bocado de água cinzenta. Mais do que cinzenta, até. Da côr da terra. Da côr da poeira das estradas. Escura, escura... Um gôsto meio-dôce, meio-salgado. Acho até que é assim como o gôsto da Vida.

Um bocado de água assim fêia, arrodeado de coqueiro e de gente descalça. Gente quase nua. Uma espécie diferente de pessoas. Diferente da que vive na Cidade. Gente da Lagôa.

Um bocado de água jogando — nem manso, nem bravo — p'ra lá e p'ra cá. Assim meio indeciso, como quem não sabe o lado que deve tomar. Como o rapazinho que, depois do baile, não sabe se leve a mocinha direto para casa, ou se demore um pouquinho mais no poste da esquina...

Não é nada de mais; é somente a Lagôa. Deitada, como quem não tem o que fazer, a revirar-se de um lado para o outro. E o vento soprando nas costas dela. Empurrando mansinho as canôas. E as velinhas remendadas inchando de gôsto.

Uma gente diferente pescando sururú. Uma gente diferente. Descalça e quase nua. Cada menino barrigudo que dá pena! E umas mocinhas morenas — até engraçadas, os diabos! — tratando sururú, com as pernas cruzadas.

E a Lagôa de olhos fechados, quieta. Cada vez ela fica mais quieta. E' que está quase de noite. Já chega para perto o zumbido cabuloso dos mosquitos. O Sol, coitado, já nem se vê mais. Deixou foi um rastro de sangue no céu.

Os meninos estavam petecendo passarinhos ali perto. Algum deve ter acertado uma pedrada no Sol. Coitado!

E', mas está anoitecendo. De vez em quando salta uma estrêla no céu. Bonito seria se uma delas escorregasse e caísse na Lagôa! Pelo menos aquilo não ficaria tão escuro, tão escuro. A meninada ia fazer uma festa danada! Tôdo mundo ia ficar alegre, ia.

Agora, sim. Tudo está ainda mais quieto. Somente os mosquitos é que não estão. Mas o estrume sêco pegando fôgo lá no canto da palhoça dá um jeito neles. Dá, sim.

Tôdo mundo comendo sururú com inhame. E' gostoso. Quem não gosta de inhame, come com macaxeira mesmo.

Ou, então, com farinha. Se não quer com nenhum dos três, é melhor ir p'ra longe, que na beira da Lagôa não é lugar de se ter luxo. Mas tôdo mundo come. Uma coisa, ou outra. Mas come.

- Uma fogueirinha aquí. Outra longe. Outra longe. Muitas fogueirinhas. E aquela gente diferente, contando história no terreiro.

“Uma moça bem bonita, com os cabelos grandes batendo na cintura, que canta como ninguem. Ai de quem ouvir o seu cantar! E' a Mãe Dágua. Um dia...”

— é a turma que está contando história.

E há um pedaço de lua mergulhado nágua. Bem perto da canôa do “seu” Chico, que passa devagar, do outro lado. A metade da Lua; a outra metade está no céu, lá em cima.

E há uma voz cantando, longe, uma toada. A história de um amor que foi e não voltou nunca mais. Uma voz de mulher. Voz de mulher bonita. Quentinha. Macia...

Um jangadeiro de olhos verdes. Verdes da côr do mar. Um jangadeiro de olhos verdes, que a jangada foi levando, foi levando... e que não trouxe mais. Um jangadeiro que tinha um punhado de filhinhos de olhos da côr do mar, que o esperavam tôdos os dias, tôdos os dias... Que tinha uma mulher morena, de pernas grossas e sorrisos bonito, que o esperava tôdôs os dias, tôdos os dias...

Uma canção triste. São tristes tôdas as histórias de amor, são tristes.

E', mais isto não é nada, não; é, sòmente, a LAGÔA.

A Pior das Minhas Noites

Entrei no quarto. Da janela aberta, uma lufada de ar deu uma tapa no meu rosto. Frio — um ar frio como a noite. Frio como a minha alma.

Era o remorso, batendo no meu rosto.

O quarto estava escuro e tudo calava. Somente aquele pedaço de lua olhava para mim, refletido no espelho da penteadeira. O vinho multiplicava mil vezes a força da gravidade terrestre. Precisava deitar-me. Precisava cair. Algo me arrastava para o chão. — Sempre houve, na minha vida, algo que me arrasta para o pó. — Meus joelhos estavam cheios de caimbras. Meus pés pareciam trazer, na sola dos sapatos de verniz, o cansaço de todos os garçons no fim da noite e a poeira de todas as estradas.

A Lua minguante me olhava, do fundo do espelho.

Minhas pernas toparam na cama de casal. Sentei-me. Estava revolvida e cheirava a perfume francês. Havia aquelas manchas de baton na ponta do lençol. O telefone malvado continuava ali na mêsá de cabeceira.

Tudo tinha o cheiro do meu crime. Parecia tudo igual. A única diferença era a eletrola, que se calara. Era a ausência da lascívia de antes. Era que o quarto não estava cheio de mentiras e de suspiros, não havia os meus sussurros ao ouvido daquela mulher. Não havia aquela mulher. Havia somente — remorso.

A fitinha côr-de-rosa da lâmpada elétrica balouçava, ao vento frio que esbofeteava meu rosto. Eu não tinha coragem de acender a luz. Para que? Para ver melhor a minha desgraça?!

Ah! lá estava o telefone... Prêto. Prêto como a morte!

— Trim... trim...

— Não atenda, Betinho... deve ter sido alguém que se enganou... abrace-me, vamos...

— Alô. Dr. Roberto.

— ... e o Dr. Jorge manda dizer que o Sr. precisa vir cor urgência. O Sr. precisa vir!

Clic! a luz saltou para o meio do quarto. Eu estava de frente do espelho e ele duplicava a figura do meu cinismo.

— Ei, Beto! apague isto e deite-se. Que diabo foi que lhe disseram pelo telefone?

— Vou sair. Não me pergunte mais nada! Se quiser, pode sair.

Disse, e calei-me. Tive horror de ver-me naquela situação. Virei-me de costas para o espelho e vesti a roupa, de pressa.

Ela se arredara da cama. Provocava. Desafiava. Oferecia o corpo nú para o prazer que eu não pudera consumir. O corpo côr-de-rosa. O colo provocante. O seio firme. O cabelo cheiroso a perfume francês.

Dei-lhe as costas. Continuei a vestir-me.

— Venha, Dr. Misterioso... Oh! que temperamental que ele é!...

Misterioso, temperamental, importante, maluco, idiota, mocinho de cinema, tudo isto ela dizia comigo, numa voz detestável de escárneo. Levantou-se. Abraçou-se comigo, para derrubar-me na cama.

— Saia! — minha mão caíu sobre seu rosto.

Cairam-lhe duas lágrimas pelo rosto marcado de minha mão, mas ainda teve cinismo bastante para ferir-me:

— Pois não, meu doutorzinho impetuoso!... — a melosidade de sua voz pesava de sarcasmo.

Deixei-a no quarto, com um pente na mão e uma zombaria nos lábios.

* * *

— Ran-ran-ran-ran... e até o peste do carro não queria sair! Ran-ran-ran-ran...

Ela apareceu outra vez. Não sei como certas mulheres podem ser tão cínicas!

— O meu Lovelace impetuoso não aceita uma carona? Desde que prometa não atentar contra a minha ingenuidade, arriscar-me-ei a levá-lo...

Naquele momento, eu odiava todos os veículos e todas as mulheres. Menos Geórgia, e ela me esperava.

Fui.

O rubor de minha raiva amarelava de vergonha. Quando sentei no seu carro, sentí como se me sentasse sobre mim mesmo.

— Itinerário, Doutor?

— Cale-se!

— Oh! então toda essa encenação é porque você queria dar um passeio pela praia?... Que gosto esquisito!

A zombaria doeu como uma facada entre as costelas.

Mordi os beijos. Aguentei firme. Geórgia mandára chamar-me. Eu precisava ir ver Geórgia.

— “Maternidade de Sta. Mônica”.

Ficou pálida ainda mais que eu. Olhou-me, e não havia mais cinismo em seu olhar.

— Quem, Roberto?

— Minha mulher.

Calou-se. Não sabia que Geórgia estava grávida. Nem conhecia Geórgia. Eu a conhecera uma semana antes, na Rádio... e havia dois meses que deixara Geórgia. Ciúme. Ciúme besta, o meu, que me fizera perder Geórgia.

Fizemos uma curva fechada e os pneus gemeram. Ela corria. Falou, então, sem sequer olhar de lado:

— Gosta dela?

Não era uma pergunta só; era um libelo. Uma censura e uma acusação, sob a máscara meiga de uma pergunta que fôra quase um murmúrio. Compreendi-a. Compreendi, então, que, realmente, são as mulheres mais solidárias entre si do que os homens.

— Gosto.

— Está bem. — Não falou mais nada.

Era longe o caminho, mas ficámos calados todo o tempo. Não tínhamos mesmo o que dizer. Eu olhava para dentro de mim mesmo e tinha nôjo de minha alma. Acho que ela também tinha.

Chegámos.

Olhei-a. Estava diferente, mas não sei nem em que era. O que sei é que estava diferente.

— “Té logo.

— Adeus, Roberto.

* * *

Atravessei quase correndo o jardim bem tratado.

A casa era grande e branca. Paredes brancas. Móveis brancos. Tudo branco. Até todo mundo se vestia de branco, lá dentro.

17, 18, 19, 20... é aqui.

A porta estava encostada e alguém soluçava lá dentro. Uma voz forte, que eu bem conhecia, dizia que ninguém pode evitar a morte.

— A morte, D. Augusta, é o único axioma da vida.

Parei. Não; não devia ser alí. Não podia ser alí!

Mas, era. Era sim!

A porta não deu aquele gemido que as portas gostam de

dar, quando as abrimos. Também, não era preciso; já havia muito gemido lá dentro.

D. Augusta chorava, e, pela primeira vez, eu gostei dela. A dor irmana.

— Dr. Roberto!

Margarida, a enfermeirinha morena do rosto cheio de espinhas olhou-me com um ar embaraçado de quem não tem o que dizer. De quem tem pena. Ela fôra criada por D. Augusta (Deus sabe quanto sofrêra na sua unha!) e agora Jorge estava procurando aproveitá-la no Hospital. Havia uma lágrima boiando em cada um dos seus olhos de chocolate.

Todos me olharam. D. Augusta torceu o rosto e continuou a chorar.

— Roberto... — Jorge tomou-me pelo braço. Sua mão estava fria como a minha. Ainda mais, eu acho. — ...venha aqui, por favor.

Fui com ele lá para o canto do quarto espaçoso.

— Roberto: Geórgia morreu! sabe? Geórgia morreu, por sua causa!

Sua mão apertava meu braço com muita força. O desespero apertava minha garganta com mais força ainda. Continuou:

— Não faz dez minutos ainda. Foi logo depois do telefonema.

Ela pediu para vê-lo. Pediu... pediu... D. Augusta não o queria permitir. Eu próprio achava que você não o merecia, porém o sentimento de humanidade atravessa abismos, Roberto. Mandei chamá-lo. E' pena que você não tenha vindo! E' pena que você seja um canalha!

— Sou! sou um canalha! Mas, ela devia ter esperado! devia ter esperado! devia! devia...

— Ela esperou o quanto pôde, Roberto, e você não veio. Ainda no último momento chamou por você, e você não estava. Viu-me à beira da cama, e chamou-me de... Roberto! Pensou que eu fosse você. Falou-me no seu filho, no filho que você não merece. Disse que era parecido com você. Queria que ele fosse advogado, quando crescesse, para ajudá-lo em seu trabalho. Falou um punhado de coisas bonitas que vocês poderiam ter feito e não fizeram...

Durante todo o tempo, ela sorria. Não sei como conseguia sorrir; devia estar sentindo dores horrorosas!

Eu estava calado. Apático. Incapaz de agir. De pensar. Talvez até de sentir! Aquilo tudo eu queria considerar uma grande mentira. Nada daquilo poderia ter acontecido. Nada!

Jorge — e logo nos braços de Jorge— a teria visto morrer? Jorge — o rival de todos os tempos. O galã vencido de quem eu tomara a namorada de infância. Jorge — o menino besta dos olhos azues, que eu conhecera nos bancos do Grupo Escolar... Esse poderia ter sido o dono dos seus últimos momentos? Não! Nunca! Era tudo mentira, ora se era!

Ele continuava falando. Eu nem ligava: ouvia como se não ouvisse, os olhos pregados no chão, sem sequer ver o chão. Como se tivesse morrido, ou ficado doido. Jorge continuava.

Depois, —ouça, Roberto! preste atenção: — já por entre os suspiros da morte, pediu-me para beijá-la!

—“Nosso último beijo, Betinho. O último!”

Aí eu levantei os olhos para Jorge. Em um minuto, voltei a viver: vibravam-me todos os nervos; minhas mãos tremiam; havia ferocidade no brilho dos meus olhos. Todos os ciúmes do meu coração se acordaram.

Os olhos azues de Jorge não desceram. Fitaram, quietos e firmes, o fundo dos meus, com tanta força que pareciam querer entrar na minha consciencia. Nem traziam o tremor do medo, nem a bazófia da agressão; havia neles decisão, coragem somente.

— Abaixei-me, Roberto, e beijei os seus lábios com força. Com o ardor imenso com que sempre a esperei!

Eu estava lívido. De medo. De vontade de esmagar. Sei lá de que!

— ...tomou minha mão e comprimiu-a ao seio, que deveria estar flácido de morte, mas que estava erecto de amor por você!

...seus lábios foram ficando frios... frios... e, quando os retirei dos meus, ela morrera! — Jorge calouse. Chorava.

Tudo era cáos, dentro de mim. em sei o que me aconteceu. Não fiz nada. Baixei os olhos e chorei. Solucei como uma criança.

— D. Augusta... eu...

— Não precisa dizer nada. Sua hipocrisia já falou por você. Não precisa dizer nada, ouviu?! Nada!

— Mas, D. Augusta...

— Fere sua presença aquí. Roberto. E' deprimente. Você não vê?

Era Jorge que falava. O velho despeito conseguiu levantar um pouco as minhas forças. Veio-me uma última vontade de lutar. Saltou-me da boca o último pedaço de arrogância:

— Dr. Jorge! o Sr. não tem o direito de interferir nas questões particulares dos clientes desta Casa! O Sr. é simplesmente um profissional que ESTEVE a serviço de minha esposa! Queira, portanto, ter atitudes mais compatíveis com a dignidade da posição em que o Sr. está colocado nesta sala!

— Dr. Roberto: eu sou um profissional a serviço da filha desta senhora. Não reconheço ao Sr. o direito de velar corpo de uma mulher que abandonou, que matou de angústia!

Que é que pode sentir o Sr., um animal como o Sr.? Não foi o Sr., Doutor Roberto, quem transformou a vida dela num inferno? Não foi o Sr. quem, por um capricho malvado de sua vaidade, de seu orgulho doentio, abandonou-a, desolada e chorosa, na casa de sua mãe, em vésperas de ter o seu primeiro filho? Não foi o Sr.? Não foi o Sr.? Vamos! responda, covarde!

Margarida interpôs-se a nós. Jorge chorava de emoção. Tinha vontade de matar-me. Eu o merecia mesmo. Estava esmagado. Achatado. Escangalhado.

— Mas, D. Augusta... Geórgia me perdoou... a Senhora... .

— Ouça, Roberto: você me enoja. Saia daqui. Assassinos não se perdôam.

— Mas, a Senhora deve...

— Não; não devo. Somente Cristo tinha o dever de perdoar!

A voz da velha foi o último golpe que pude suportar. Estava enlouquecendo. A cabeça me ardia. Os olhos pegavam fogo. A saliva pegava fogo. A garganta pegava fogo.

— Pois que fiquem com ela! Não me vale a pena perder tempo com uma mulher que me injuriou até no leito de morte!

Fique com ela, velha, maluca!

Fique com ela, D. Juan de defuntas! Lord Byron! Conquistador de mortas!

Meus gritos provocavam murmúrios por toda a parte. Pouco me importava!

Saí do quarto.

Enquanto passava pelo corredor comprido e branco, senti que mil olhares me chamavam de cachorro.

* * *

E agora? Que fazer agora?

A Lua continuava a espiar-me, pelo espelho. O cheiro forte de perfume francês me entontecia.

Deitei-me, fechei os olhos. Pareceu-me então que dois olhos horríveis de um ofídio me espiavam, dentro do negror de minhas pálpebras. Um milhão de pontinhos vermelhos, pegando fogo, caíam em cima dos meus olhos.

Dormi. E o meu sono foi frio como um cemitério. Tenebroso como o sono dos vencidos.

N. da E. — Este conto obteve **Menção Honrosa** no Concurso Permanente de Contos mantido por "A Cigarra Magazine".

Contrates

Estrelas... estrelas...
Lá no alto o céu freme,
Vibra, cintila, cheio de estrelas!
E aqui, sozinho, tristonho,
Eu sinto saudade!
Do fulgor dos seus olhos...
Do calor do seu halito...
Do afagar dos seus braços...
A noite sorri.
Goza o esplendor de sua própria beleza;
Meu coração chora
Haurindo o amargor de seus próprios sentimentos!
Sentindo saudade!
Sentindo saudade de você, ingrata,
De você que talvez nem lembre mais:
O fulgor apaixonado dos meus olhos,
O calor febril e afetuoso do meu halito,
O afogar ardente dos meus braços...

A Noite da Esperança

O Sol já está quase desaparecido no ocidente longe... os seus ultimos raios já começam a ser engolidos pela noite... termina o dia! termina o ultimo dia de 1952! O Sol parece estar com saudade... há quanto tempo já devia ter desaparecido...! Mas, ainda não se foi de todo; ainda alguns raios furtivos vagueiam tristes pelo espaço, como se fossem o adeus melancólico e rubro do Sol fugidio que já se esconde além das planicies...

Terminou o ultimo dia de 1952. A noite, negrejante, misteriosa e suave, já envolve tudo. A frieza tépida das sete horas já se faz sentir.

Pelas ruas, pululam pessoas. De todas as cores; de todas as classes; de todos o lugares. Todos, agora esquecidos dos preconceitos, dos orgulhos, da vaidades, de todos os pequeninos caprichos da Sociedade, procuram somente voltar para casa, ansiosos por viver, do melhor modo possivel, os ultimos momentos do ano que foge. Há pessoas tristes e pessoas alegre; os sentimentos e emoções que se confundem na turba inquieta são os mais diversos; mas, em todos, há um unico sentimento, uma unica, embora seja unica, emoção comum: a esperança. Todos têm um anelo guardado no fundo do peito. Cada um traz no coração uma fantasia. Por isso, todos estão alegres, porque todos antecipam para si uma felicidade. Todos sonham. Todos...

Aparecem as primeiras estrelas... Uma... duas... dez... e numa progressão crescente e infinita o céu vai se povoando de lindos pirilampos azues.

As luzes se acendem. A cidade começa a brilhar. A multidão vai se dispersando e as maiores artérias vão ficando vasias. Os parques festivos tambem começam a brilhar. Os cinemas abrem suas portas. Toda a cidade vibra. Toda a cidade sente a amiga fascinante da noite de "Ano Bom".

Lá, lá longe, numa pontinha romantica de Maceió, à beira da praia, sob o balouçar suave dos coqueiros, tambem se acendem luzes. Tudo transpira festa, uma grande festa. E toda a Pajussara, a donzela galante que enfeita Maceió, sorri... e toda a cidade volve para ela os olhos cheios de fascínio, para tambem sorrir com ela à entrada do Ano Novo.

É a grande festa do Iate Clube Pajussara. É a grande noitada de alegria. É a festa... a grande festa. É o álaque

e fulgurante acordar do Iate Clube Pajussara, que dormia envolto num manto de modestia, e que agora, para alegrar os seus convivas, os seus socios, abre as suas portas, com grande alegria, com grande fulgor, para receber o 1953 com toda a gala, com toda a consideração que merece uma esperança nova.

Os socios chegam. Os velhos, os jovens, todos numa ansia incontida de alegria, da satisfação sadia e altamente cristã que lhes oferece a grande sociedade.

E a festa começa; os pátios estão repletos. A musica se confunde com os risos, os abraços de "Feliz Ano Novo" e os cochichos apaixonados dos namorados ingênuos... Defronte, o mar assiste tudo e beija com mais ardor a sua Pajussara estremeçada...

Tudo é luz... tudo é festa... tudo é poesia... é vida... é esperança...

Para o Iate Clube Pajussara todos desejam sempre outras noitadas de alegria; e o Iate Clube Pajussara deseja para todos muitas, muitas e inextinguíveis felicidades.

Tudo é brilho... tudo é alegria... tudo é felicidade... E a festa continua... Continua a maior festa da cidade na NOITE DAS ESPERANÇAS!

C. N. E. G.

O problema da "razão de ser" da vida é muito complicado. Horripelmente complicado. Talvez, por isso mesmo é que são tão estudadas e tão debatidas as suas facetas.

Estudam-no teólogos, cientistas, filósofos de verdade, filósofos vagabundos, poetas e similares. Fazem-se divagações, pesquisas, experiências e diversas outras operações complicadas, e, pouco a pouco, vão aparecendo conclusões, as mais variadas.

Uns acham que... bem, nós não queremos discutir o assunto, nosso tema é outro. Mas, nós somos, por natureza, curiosos e, por tendência, parciais e volúveis. Não podemos deixar de aceitar ou mesmo formular hipóteses a respeito de quaisquer problemas que nos sejam comuns. O problema em lição é universal. Toda a humanidade depende dele para poder formar suas normas próprias de vida. Por isso, nós precisamos de uma teoria, de uma máxima, para orientar a nossa existência.

Conforme alguns senhores entendidos, a quem o resto dos homens concedem o título de "sociólogos", o homem nasce para servir à sua espécie, o homem vive para ajudar aos outros homens na difícil tarefa de viver. Esta teoria parece ser certa. Pelo menos, é humana, é cristã.

Afinal de contas, de um modo, ou de outro, o homem vive, praticamente, do que produzem os outros homens. Quanto mais o indivíduo é capaz de servir à sociedade que o acolhe, tanto mais ele é homem; tanto mais ele tem o direito de dizer-se humano. É a grande máxima: "Ajudar o homem para ser homem".

E dessa máxima deve delinear-se todo o programa de Vida de um ser humano. Deve ser o fim de toda sociedade organizada, o pedestal de todas as instituições e o alento de todas as idéias.

Principalmente no nosso meio, no povo brasileiro, cuja estrutura social é por demais insuficiente e iníqua, talvez por ser o Brasil um país novo, sem grande cabedal de tradições, conseqüentemente sem preceitos morais próprios, estamos presenciando a grande onda de desinteresse pelo alheio. As instituições se desviam dos seus verdadeiros fins, seguindo a batuta sordida dos interesses mais egoístas e mais desprezíveis.

Talvez seja por isso que o mundo está sofrendo uma terrível convulsão. E o monstro horrível do desequilíbrio social avança sobre os povos, dizimando-os, aniquilando-os. No Brasil está acontecendo isto. Nós, brasileiros, estamos atravessando uma das mais difíceis situações da nossa História. Os problemas surgem às centenas, e nos sentimos embasbacados diante da nossa fraqueza individual... e vamos sendo esmagados por problemas que, conjuntos, coesos e firmes, poderíamos debelar com um único esforço.

Um dos nossos grandes problema é a Educação. Atualmente, há máquina para tudo. Em todos os generos da atividade humana, germinam maquinas, indefinidamente. E' como a historia do guerreiro que semeou os dentes do dragão e deu origem a um exercito. No caso, o semeador foi o homem que inventou a primeira alavanca... Agora, as maquinas estão se voltando para os homens. Querem destrui-los. Querem dominá-los. Agora, somente quem sabe mover e dirigir a maquina tem o direito de viver. Somente quem é **INSTRUIDO**. Os outros devem **morrer de fome**.

E a carne se sente esmagada pelo metal. A maquina toma o lugar do homem. Um trabalho, que antes ocupava 10 homens, é executado, em pouco tempo por **UM TECNICO**, por um homem **INSTRUIDO**.

No individuo, há dois corpos distintos: o espírito, e a matéria; a inteligência e a carne. Uma vez que a maquina venceu o homem, sobrepujando a carne, é mister que o homem se reabilite pela inteligencia, dominando a maquina. E' preciso que ele avance com o tempo. E' preciso que ele aprenda, que ele estude, para continuar a viver como homem.

Infelizmente, entretanto, é justamente a Educação o maior dos problemas do Brasil. E' a lacuna constituída pela exiguidade de casas de instrução pela enormidade dos nossos 8.500.000 km² que obriga grande parte da população brasileira a viver em condições miseráveis.

Lá no Norte, não são muitos os que têm instrução suficiente, porque o numero de escolas, de nivel medio, principalmente, não satisfaz à densidade da população. Em vista disto, poucos são os brasileiros do Norte que têm direito a "vencer na vida"... E, pouco a pouco, vão os capitais estrangeiros açambarcando e industrializando os nossos seringaais...

O brasileiro do Nordeste não pode deixar de ser "caboclo", ou de ter "vida de judeu errante", porque os Governos

não dão escolas para que seus filhos aprendam, para, um dia, poder trabalhar com maiores possibilidades.

Somente alguns Estados da zona Sul do País dispõem de meios suficientes para educar seus homens. Somente estes têm direito a aprender a dirigir as máquinas, para passar com elas por sobre os corpos esfaimados e amarelos dos outros brasileiros.

Creemos que foi pensando nisto tudo que o jovem estudante de Direito, Felipe Tiago Gomes, paraibano pobre, mas, de visão e coração largos, juntando um grupo de amigos, lançou em campo a CAMPANHA NACIONAL DE EDUCANDÁRIOS GRATUITOS, em 1942.

Era um grandioso ideal. Rapaz pobre, Felipe sentiu, desde menino, o que é não ter dinheiro, o que é trabalhar para compensar os estudos, aprendeu, desde logo, como se desce um pouco a meia rasgada para dentro do sapato para poder ir ao baile ou à reunião do Diretório. Ele viu como seus colegas ricos esbanjavam, e como os pobres, como ele, se enchiam de alegria ao poder economizar mais uma moeda. E, um dia, uma noite, talvez, ele pensou um pouco mais...

Quem sabe como foi? — Talvez nem ele proprio. Pode ter sonhado. Pode ter visto, em sonho, um grupinho de meninos da sua cidade, na Paraíba, deixando as bancas escolares do curso primário para trabalharem em alguma garage, ou "vender bacalhau no boteco da esquina"... e viverem miseravelmente... vencidos pela máquina!

Pode ser que, sonhando, tenha visto um Brasil futuro habitado por brasileiros de pés no chão, engraxando os sapatos dos turistas, ou fugindo, mortos de fome, de uma vila para outra vila, até as grandes cidades, onde se empregariam, em caso de muita sorte, na casa de algum capitalista inglês ou americano...

Não sabemos como foi, mas, o fato, é que daí nasceu uma das mais belas e mais dignificantes cruzadas já empreendidas em nossa terra.

A CNEG teria como objetivo fundar ginasios gratuitos. Puseram-se a trabalhar. Uns foram ficando nas curvas da pedregosa estrada, mas, ele continuou. Foi para o Rio. Correu o Brasil todo, buscando apoio. Atraiu grandes personagens para a idéia. Meteu-se no Ministério da Educação, virou, "mexeu"... e o Brasil conta hoje com 75 ginasios, espalhados pelo interior dos seus Estados, ministrando a cultura, vencendo a ignorância, preparando as gerações futuras do Brasil, fundados e dirigidos, todos, pela Campanha Nacional de Edu-

candarios Gratuitos. Desde o Amazonas, até o Rio Grande do Sul se estende o manto protetor da CNEG, espargindo a sombra meiga da sabedoria sobre o Nordeste ensolarado, sobre o Norte dos Igarapés, como sobre as ilhas que se espraiam prazieiras nos Estados do Sul.

Por ora, são 75, a metade dos quais inteiramente gratuitos. Daquí a 10 anos poderão ser 300 instituições modelares para instruir o povo pobre do Brasil, inteiramente de graça. Por ora, não são todos gratuitos, porque não estão ainda suficientemente amparados pelos Governos. Mas, mesmo assim, nunca se ouviu dizer que um ginásio da CNEG haja recusado um aluno sequer, pelo unico fato de não poder pagar as parcas mensalidades que cobram, para fim unico de sua manutenção.

Alagoas é, relativamente, o Estado melhor servido pela CNEG. Este ano funcionará o seu setimo ginásio aqui, e, para o ano vindouro, já se tem como certo o funcionamento de um outro ginásio. São os seguintes os estabelecimentos já fundados e mantidos atualmente pela Campanha em nosso Estado; por ordem de funcionamento:

GINASIO SANTANA, de Santana do Ipanema, funcionou em 1950; GINASIO S. JOSE', de S. José da Lage, funcionou em 1950; GINASIO N. S. DO PILAR, também em 1950; GINASIO N. S. DO BOM CONSELHO, de Arapiraca, também funcionou em 1950; GINASIO D. ANTONIO BRANDÃO, de Pão de Açúcar, é um dos novos, funcionou em 1951; GINASIO S. MIGUEL, de S. Miguel dos Campos, foi fundado e entrou em funcionamento em 1952; GINASIO STA. MARIA MADALENA, de União dos Palmares, é o caçula dos ginásios da CNEG no Estado (1953); GINASIO N. S. DAS GRAÇAS, de Murici, já foi fundado, mas, só entrará em funcionamento, se Deus quiser, em 1954.

E isto é uma serie a ser continuada. O leitor pode imaginar o quanto fazem esses ginásios pelo progresso das cidades onde funcionam possibilitando, a ricos e pobres, a brancos e pretos, um preparo sólido para a vida, possibilitando ao filho do caboclo, como ao filho do fazendeiro, um futuro digno, um horizonte maior que o que se descortina da porta de uma casa de palha. Esses ginásios possibilitam, ao filho inteligente do pobre, sobrepujar o filho indolente e néscio do capitalista. Dão um valor proprio para cada homem do Interior. Quem sai de um ginásio da CNEG, sai apto a vencer todos os obstaculos, porque, pelos seus métodos, pela ausencia total de

quaisquer preconceitos nos homens que os dirigem — cidadãos conscientes dos seus deveres — sai consciente dos seus deveres de homem para com a comunidade.

E quem dirige tudo isto em nossa terra? Quem conseguiu estender até aqui um galho tão frondoso dessa grande arvore de Educação? — E' uma pergunta de resposta natural, logica, intuitiva: — Quem poderia ter sido, se não o nosso maior educador, o leader da Pedagogia em nossa terra — o Pe. Teofanes Barros?

Foi ele quem gastou seu calhambeque Ford, rodando pelas nossas estradas esburacadas, e que já começou a acabar com o "restinho" daquele grande Kaiser azul, rodando pelas estradas, ora empoeiradas, ora cobertas de lama, de um município a outro município, de cidade em cidade, onde quer que haja uma inteligencia a ser aproveitada.

E' de ver quando ele entra nas cidades, com o carrinho sujo que só empregado de carvoaria, cumprimentando o Bodegueiro e o Prefeito com a mesma simplicidade — com as mãos na pansa e o sorriso nos labios — sempre jovial, sempre compreensivo.

Admiram-no em nosso Interior todas as pessoas. Os usineiros o cumprimentam com respeito e os caboclos descobrem a cabeça quando ele passa; todos reconhecem nele um grande homem.

Ao voto de agradecimento e de louvor que manifestamos à Campanha Nacional de Educandarios Gratuitos e ao Dr. Felipe Tiago Gomes, um grande abraço de reconhecimento a este grande empreendedor.

Queremos ainda saudar, com respeito e com carinho, a todos os diretores, professores e colaboradores dessa grande instituição, pela grande obra social que vêm realizando. Estes, cumprem a grande maxima. Estes, são homens, porque, realmente, trabalham pelo engrandecimento da especie.

Estes sabem, e é preciso que todos, todos aprendam que é preciso AJUDAR O HOMEM PARA SER HOMEM!!!

A carta que não foi enviada

A Noite Azul

Eu lembro: "Foi numa noite", como dizem os poetas e as canções. Foi numa noite azul.

Havia estrelas. Todas as noites azuis são estreladas... Que valeriam versos de amor sem as estrelas brilhantes das noites enluaradas?...

E havia até Lua, embora fosse um pedacinho só. E você. Mais maravilhosa que tudo, havia você também.

E aquela noite azul inteirinha vendo a Lua e vendo você. Você era muito mais bonita.

A noite inteira pegando fogo nos seus beijos. Acreditando que até os sonhos se realizam...

Chega a parecer que foi ontem. Mas não foi não; faz muito tempo já. A questão é que eu não consigo esquecer aquela noite azul.

Você sorria... sorria... Foi não foi, apareciam aqueles dentes brancos, na tentação vermelha de sua boca bem feita. Eu me esquentava todo e uma coisa dizia dentro de mim: — "Pere aí, coração. Calma, rapaz... você "tá ficando doido?!"...

E eu tinha até a impressão de que alguém puxava as orelhas do meu coração. Depois foi que eu vi, num livro de Anatomia, que coração não tem orelha.

Você se lembra disso tudo? — Ah, como eu lembro! Até o cheiro dos seus cabelos trago ainda guardado na cabeça. Um perfume gostoso, mais suave que o da rosa... macio... macio...

Agora uma coisa que eu não entendo é a história de você ter-me deixado. Penso que foi brincadeira sua. Ou então os outros estão me enganando. Parece que todos estão mancomunados para enganar-me. Ninguém me diz nada sobre você. Nada, nada. Esta já é a oitava carta que escrevo e ninguém me ensina seu endereço. Você precisa me enviando-o. Assim eles verão que estão mentando. Idiotas! Mas, deixemos isto. Conversemos mais.

E o nosso filhinho? — Eu sei, eu sei: está muito bonzinho e já está até no Jardim Infantil... Olhos azuis como seus olhos... boquinha vermelha como a sua boca...

Ah! estou com tanta vontade de dar uns beijos na sua boca!... Bem uns dez... vinte... trinta... um bocado que seja muito mais do que aquele bocado que lhe dei na nossa noite azul...

Você se lembra de que é amanhã o quinto aniversário do nosso casamento? É, é amanhã.

Eu até pedi ao médico, o Dr. Jorge, para sair. Queria encontrar-me com você. Ver o nosso filhinho. Passar com você uma outra noite azul...

Quinto aniversário! Ora, parece que foi ontem!...

O Dr. Jorge não deixou. Disse que não posso sair enquanto não ficar bom. Repetiu aquela bobagem de que você me deixou. há mais de dois anos. "Fugiu com seu irmão, seu irmão caçula, aquele que você criou..." ele me disse. E que eu precisava esquecer tudo que houve entre nós, tudo. Até você. Tanta bobagem!

Pobre do Dr. Jorge! Olhe, ele é o melhor médico daqui do Sanatório. Gosto muito dele, porque ele sempre elogia os meus versos e sabe discutir Literatura, mas tenho muita pena; de tanto tratar de doido, já está ficando meio assim... Agora o rapaz criou a obsessão de que você me deixou, fugiu com o Paulo... tanta coisa besta! Ah, se ele soubesse como você me ama!...

Bem, vou ter de parar. Lá vem o tal do enfermeiro chatto que me dá injeções.

Não gosto que ele me veja escrevendo. Ele ri das minhas cartas. Ri dos meus versos. Ri de tudo que eu faço. Não sei por que os homens medíocres riem tanto!

Mas não se esqueça nunca, nunca, da noite da nossa Lua de Mel, a mais maravilhosa de todas as noites, a mais linda de todas as noites, a nossa noite azul...

Com o carinho do esposo dedicado — OÍLI.

A carta que eu não enviei

Com lágrimas nos olhos,
resististe:

— Por Deus, não o faças...

— Não... não...

— Não tens irmãs ?

— Não tens mãe ?

— Por Deus !...

— Oh, meu amor! contem-te...

pára, larga-me...

— Oh, meu amor...

E depois de todas as resistencias
foste **minha**.

Ah, como recordo
a penumbra amorosa

das noites,

das semanas,

dos meses

que se seguiram!

Eramos nós dois.

Não admitíamos, entre nós,

nem a mais suave das sêdas,

nem o mais transparente dos vestidos:

Éramos, somente ...

somente, nós dois,

aquele leito de colcha côm de rosa,

aquele abajurzinho discreto

e o nosso amor,

o mais fogoso de todos os amores

Estou bem lembrado daquelas noites,

daquelas semanas,

daqueles meses

que se seguiram.

Até parece que ainda sinto

as dentadinhas carinhosas que me davas

na pontinha da orelha...

Ah! ia esquecendo:

Recordas aquele lencinho

branco,

de rendas,

com tuas iniciais

gravadas na pontinha esquerda?

Aquele mesmo lencinho

branco,

de rendas,

com que limpaste do meu rosto

o baton do primeiro,

do unico beijo verdadeiramente puro

que me deste...?

Pois bem:

Mandei um conhecido meu,

um marceneiro muito competente

— talvez até o conheças;

com essa tua nova vida,

deves ter muitas relações...—

mandei fazer uma caixinha,

uma caixinha de madeira,

toda pretinha (a côr do luto),

bem polida,

bem bonita,

para guardar o mais amargo,

o mais triste,

o mais pesado, na minha consciencia,

dos meus troféus:

aquele teu lencinho

branco,

de rendas,

com tuas iniciais

gravadas na pontinha esquerda.

Mas, deixemos estas coisas;

são tolices,

— embora, pela reconstituição delas,

fosse eu capaz de trocar

todos os meus... (espere:

resta-me algum sonho, então ?)

corrijo:

embora fosse capaz de trocar

tudo o que, nesta vida,

ainda não me é mau:

o conteúdo desta taça

e a fumaça deste cigarro.

Mas... deixemos isto.

Naqueles tempos

(lembras ?)

eu te dizia,

inflado de vaidade,
com um ar de carinhoso desprezo:
"As mulheres,
e principalmente as mulheres bonitas,
— e aí eu baixava os olhos,
malicioso,
para o teu maravilhoso busto côm de rosa—
não sabem o que querem,
nunca."

Eu dizia isto a todas as mulheres
e todas me sorriam, como me sorriete.

Depois, Maria Clara,
houve aquilo entre nós dois.

Era uma noite bonita.

Havia tantas estrelas!

Havia até Lua Cheia...

Agora, eu rio, me lembrando:
houve aquela cena de todos os dias:

botei a mão pelo postigo,

para abrir a porta, e tu,

que já me esperavas,

atrás da porta,

como em todos os dias,

te penduraste em meu braço,

cheia de alegria,

cavilosa.

Entrei.

Soltaste-me e choraste.

Alguem, no onibus,

maculara meu ombro de baton.

Não o creste

e calaste.

Vi nos teus olhos,

nesses teus olhos castanhos

e grandes de ternura,

um desengano maior

do que todos os desenganos que já ví.

Tua boca

pequenina,

encarnada como fôgo,

ficou feia,

ficou pálida.

esmaeceu.

E o pior
é que não disseste nada.
Fiquei despeitado.
Incomodou-me teu orgulho.
Acordou em mim o fascínio atávico
da brutalidade.
Ví-me fera.
Das minhas entranhas
subiu-me um arrepio
de vaidade pisada.
Minha mão caiu sobre o teu rosto
— ainda hoje ouço aquele barulho
de minha mão sobre teus lábios.
tão diferente do doce ruído
que meus lábios faziam sobre tuas mãos!
E ainda não disseste nada.
Saí.
Fui à janela.
Lá no céu
desmaiou uma estrela.
— Quando criança,
eu gostava de ver
“as estrelas cair no mar”..
Fiquei pensando, pensando...
Olhei pr'o outro lado do céu.
Que linda estrela! pensei,
vendo-a
apagando e acendendo, tão depressa
que a gente pensava
que ela passava o tempo tôdo acesa...
Então, também aquela linda estrela
escorregou,
“caiu no mar”.
Fui embora
e, à minha saída,
não houve beijos,
nem recomendações,
nem vieste ajeitar minha gravata.
Na outra noite,
quando cheguei ninguém me esperava
atrás da porta.
Na casa tôda,
ninguém me esperava.

Ninguém!

Também minha ventura,
também meus sonhos,
como aquelas estrelas,
havia

“caído no mar”.

Depois, não me quiseste mais.

Teus olhares, que antes me alisavam,
me cospem agora.

Teus olhos até me parece
que mudaram de côr.

Mas eu, apesar de tudo,
ainda vivo te ansiando.

Como se nunca houvesse tocado em teu corpo
penso,

horas e horas,

noites e noites,

igual a um poeta de 16 anos,

em tomar tuas mãos,

algum dia,

e beijá-las mil vezes.

Não vi quando passaste pela porta,
mas sei que me viste, porque gargalhaste
e eu ouvi a tua gargalhada.

Joguei a taça e a bebida ao chão.

— A taça e a bebida!

Joguei fora, de uma vez,

as duas coisas boas da minha vida,

somente por um teu cinismo,

eu, que te tirei

os sonhos de criança,

a candura de criança,

a ingenuidade de criança.

Saí para alcançar-te.

fa beijar-te, talvez,

nem sei,

talvez bater-te.

Vi o balançar de tuas formas,
se afastando.

fa contigo um homem.

Julguei reconhecê-lo logo.

Não quis acreditar.

Corrí.

Ceguei bem perto.
Quase junto.
Ceguei a perceber
que te perguntava
por que aquela gargalhada.
Chamou-te de querida,
depois, de amorzinho,
e, depois, de
"minha bonequinha"...
Parei.
E, como tu choraste,
naquela noite,
calado, como calaste,
naquela noite,
Mais desenganado que tu,
naquela noite,
chorei!
Hoje
a noite está bonita,
como aquela noite.
Há tantas estrelas!
Só não há Lua Cheia...
Voltei ao bar.
Deram-me outra taça.
A vida devia ser como os bares:
eles nos dão outras taças,
para substituir as taças
que quebramos.
Escreví-te isto.
Isto,
que nunca chegarás a ler.
Tenho bem nos ouvidos
a palavra do meu pai:
"minha bonequinha"...
E eu não escreveria nunca
uma carta desta
rara a bonequinha
do meu pai!

O Fim da Função

...e os tambores, roucos como se cansados de uma grande orgia, pintavam de horror a madrugada.

Galos, ao longe, esvoaçando por cima das cercas, cantavam — assustados talvez.

Gritos e suspiros lancinantes. Estremecimentos histéricos. Mais gritos...

— Alaô! Alaô! Iemanjá! Alaô!

A negra velha, de cabelos desgrenhados, os olhos já abrasados de esforço desmesuradamente abertos, jogava longe as últimas peças da roupa de chita estampada. E pendiam, amolecidos e nojentos de suor, os velhos peitos.

A turba ululava. Era o frenesí dantesco das mentes exaltadas.

— Alaô! Alaô! Alaô!

Canecos de lata de leite condensado mergulhavam sôfregos no pote da “pinga”, lá no canto da sala, pertinho dos “músicos”

Alguem de cabeça raspada discutia com o “Mestre” o preço de uma “Mandinga”.

‘Tá caro, mais pode fazê. Muié ruim só vai no duro!

Agora, bem no meio da casa, o rapazote desdentado e meio vêsgo se estremecia todo. No seu pescoço e no torax nú, suor e baba.

Pertinho, uma mulher gorda passou arrastando os tamancos com um galo prêto na mão.

E a “macumba” ia-se epfiando pela madrugada.

Tambem, até a madrugada já queria ir embora. Os primeiros raios do Sol começavam a chegar, mas os pobres diabos vinham friinhos de mêdo dos tambores! Era o mesmo que não virem.

— Boom! soou o sino do terreiro um grande baque surdo e o “mestre” Chico disse um bocado de coisas complicadas. Penso que ninguem as entendeu. Os “músicos” iam-se chegando do “Mestre”. Recebiam e iam embora. Menos o filho do mestre, que tocava surdo e que não recebeu nada.

Estava finda a “função” do “mestre” Chico Pino. Aí o Sol nasceu.

O pote da “pinga” estava já no finzinho e peças de roupa de mulher bolavam pelos cantos.

No quartinho de traz, as três mulheres que “atuaram” se estendiam grotescas, vomitando tudo.

— Lóla ! traga uma quente aí...

A mulher gorda trouxe.

O Sol subia aos poucos e a Catedral anunciava de longe a missa das seis horas.

“Mestre” Chico I'ino bebeu, devolveu o caneco e foi armar a rêde. Deitou-se, fechou os olhos — e adormeceu.

Uma carta

Meu Pai:

Aqui, tudo é diferente; as árvores parecem não ter tanta vida quanto as árvores do nosso engenho. O céu daqui vive constantemente sombrio e o mar parece um lagozinho tímido, que nem sequer tem mais coragem de rumorejar...

Tudo aqui é frio e calculado. Tudo tem preocupações; até a lua passa por aqui rápida e atarantada, com certeza com medo de chegar atrasada ao outro lado da terra... e o céu é sempre púmbleo e soturno, parecendo mesmo com a face triste e desiludida de um desgraçado!

Como tudo aqui é diferente do nosso campo, onde as matas farfalham livremente, alegremente, doidamente... onde o céu é sempre lindo e o sol é sempre majestoso e forte!

Como é débil o sol daqui, meu pai. Parece uma estrela artificial, falsa, diferente... Por que será que nas grandes cidades a natureza é tão feia, tão insípida, tão... tão errada? Aqui tudo é monótono. De dia, anda-se sempre à sombra dos arranha-céus; de noite, sob o luzir patético e infundável dos anúncios luminosos.

É muito diferente do nosso "Tonel", onde de dia o sol pesado e quente nos arranca bagas de suor, dando-nos em troca uma vida saudável, tornando-nos homens rudes e fortes; e onde às noites gemem as violas pelos terreiros e os cabocios dansam o côco ao clarão da lua.

Ah, Pai, isto é que é a vida! É o convívio com a natureza pura, sem anúncios de gás neon, nem sombras de arranha-céus; nem as preocupações nem as severas normas que nos impõe a vida nas cidades grandes.

Aqui eu vivo triste. Minha vida se resume em idas e vindas de casa para a Faculdade, da Faculdade para casa. Ah, quantas saudades, da verdura dos nossos campos, da moleza das nossas terras, da frieza gostosa das nossas noites! Como está me custando caro este anel de doutor!

Como vai o "Maninho"? Ainda é o "cirurgião tirador de espinhos" de nossos bezerros? — Diga-lhe que quando eu voltar levar-lhe-ei a bicicleta que ele há tanto tempo me pede.

Peço-lhe ainda que me recomende ao pessoal da fazenda "Timbira", e que (olhe, isto é particular) diga à Vanda, que as loiras "apertadas" daqui ainda não me "perverteram", e que apesar das quatro divisas do curso de medicina, ainda sou

o mesmo vaqueiro que corria com ela à cavalo pelas campinas e que lhe fazia ternas juras à beira do açude grande...

Diga-lhe também que ainda eu gosto dela tanto quanto outrora, e voltarei breve para vê-la outra vez.

E ao "seu" Souza, você diga que eu ainda tenho esperanças de vir a ser seu genro e de lhe dar um netinho louro para enfeitar seu velho casarão.

Um abraço apertado do filho que lhe estima,

JORGE.

Recife, 8|6|52.

Obstáculos

Nós dois, o mar, e a vida.
Entre nós a vida,
Diante de nós, o mar.

Semelhanças

Olhos tristonhos,
— o verde não é triste?
— não é tão parecido com o luto?
— e o cinzento?
Olhos diferentes:
e não são tão alegres
os olhos que conhecemos?
— Então são diferentes os olhos tristes,
os olhos verdes;
o verde é parecido com o luto,
com o cinzento...

"Como era verde meu vale"

De RICHARD LLEWELLYN

Ou este livro tem mais de vida que de imaginação e palavras, ou o seu autor seria capaz, até, de criar um coração humano, com as próprias mãos.

É todo força e simplicidade, que se desenham sob a força de divagações, alegorias, figuras, dialogos, todos de uma inexcedível vibração dramática.

E se se pode acusar alguém de exagerar-se em simplicidade, este alguém não pode deixar de ser Richard Llewellyn, autor do livro "Como Era Verde Meu Vale".

É estonteante sua maneira de conduzir os fatos, enquadrando-os dentro das pessoas, em vez de enquadrá-las nestes. E suas páginas vivem. E dentro de sua vivacidade o seu encanto. Seu quê de místico e suavemente poético em cada coisa: uma folha ondulando, como se dissesse adeus... um regato queixoso, como que querendo suicidar-se de encontro às pedras... e campos verdejantes, aspirando satisfeitos o primeiro ar da Primavera... A voz de cada coisa, o pensamento de cada ser — mesmo os seres brutos pensam e sentem, na sua pena — exalando poesia, lirismo contemplação, num misterio de quietude e doçura! Isto em todo o livro. Nas páginas mais violentas, dentre as cenas mais cruéis, uma pincelada de beleza, de amor revitalizante, de esperança. E ele sabe amenizar as maiores tristezas com a beleza da paisagem. Com esta beleza que é a própria beleza das suas páginas. Dentro das cenas mais contristadoras, dentre crianças esqueléticas e famintas, por entre famílias que se desesperam, há sempre um rouxinol que canta, uma brisa que acalenta, um sorriso que enleva, zombando da rude realidade da vida.

Não é um livro perfeito. Nem quase perfeito. Suas imperfeições são múltiplas e se distinguem facilmente. Mas isto, sem diminuir-lhe o mérito, vem trazer-lhe o cunho da autenticidade. Ele tem periodos inteiros sem a mínima novidade. Páginas suas sem a menor atração. Capítulos cheios de uma morosidade de cansar, como se somente pudesse compreendê-los o proprio escritor, que os viu e viveu. Destes, salientam-se o episódio da prova de suas primeiras calças compridas, na alfaiataria do velho Hwfa, o outro da apresentação teatral, o da luta de box do velho Dai Bando.

Apreciada em seu aspecto geral, é simplesmente notável a condução das ideias, como das atitudes dos personagens. Destes, os caracteres mais independentes e interessantes são: o velho Gwilym Morgan, Bronwen e Dai Bando, além do seu próprio. Os outros são de indissimulável notoriedade, exceção feita a Shani Hughes, a ingenua colega de escola, que "tinha nos cabelos a côr das folhas de setembro". É simples como esta comparação era ela própria. É suave quanto a côr de uma folha de setembro era a Shani Hughes da adolescência de How Morgan. A maciez e a candura eram toda sua personalidade. E ela sai do livro como entrou; dentro de uma nuvem azul de abstracionismo, mergulhada numa frase cantante de poesia.

Gwilym Morgan é o perfeito pai de família. O tipo do homem direito e do homem bom, que consegue ser pai, esposo e companheiro, acima de qualquer censura. E, antes disto, o homem da ação justa, rescendendo a lealdade, durante toda a sua vida. O homem sentimental, que sofre o que sofrem seus companheiros, que vive com eles todos os seus tranSES, que se angustia por suas mazelas, vivendo mais para o mundo que o cerca que para si próprio. "Deve haver algum meio de poder a gente viver sua vida de maneira decente, pensando e agindo decentemente, e não obstante conseguir viver bem" — eis o programa de sua existência, a grande angústia dos seus dias: encontrar este meio.

Bronwen — a personificação da mulher-virtude. Que sente e vence o sentimento, pelo senso de dignidade, de respeito a si próprio e às suas concepções. Toda amor. Toda carinhos. Mas sempre a mulher-virtude. Às vezes, mesmo, chega a sentir o pêso e o mêdo das tentações, porque, antes de ser sensata, é mulher. É mulher fogo. É mulher vibrante, emocional. Tocamos o íntimo a descreção de como soube reagir à meiguice daquele beijo que o How adolescente tocou nos seus lábios. A incredulidade na sensação de amor que a invadiu. A vontade. E, depois, o freio da dignidade. Bronwen personifica "a mulher que é mulher", o tipo que o jovem sonha conseguir na vida, para repousar em seu colo as canseiras do Futuro. A imagem de Bronwen esvoaça, atravez de quase todas as paginas, inundando-as do colorido de sua bondade.

Gruffydd — o homem devoção à Verdade. Sabe o que é certo, na medida que o é. Vive suas convicções, e é um forte, quando as defende. A Verdade e o Direito acima de todas as outras coisas. Nisto há uma grande afinidade, en-

tre ele e o velho Morgan. Crê nos outros homens, e, como todos os justos, é esmagado por eles. Por sua extrema bondade, é incapaz de querer algo para si. Sua vida está na renúncia, e ele renuncia a tudo. Quando quer algo para os outros, luta. É o leão de juba esvoaçante, desafiador e insubmisso. Quando, entretanto, quer algo para si, é o tímido, que nem sequer tem força para pedir, medroso de que a concessão que se lhe faça traga uma tristeza ou um vexame ao menos digno dos seus circunstantes. E vai vivendo, de renúncia em renúncia, até que renuncia ao próprio amor de sua vida, e é esta última que o esmaga.

Daí Bando — talvez a mais típica das personalidades. O homem rude: nem idealiza, nem é capaz de compreender ideias alheias. É um homem do coração e segue o coração. Capaz de lutar pelo maior dos erros, se a isto o coibir o interesse de uma pessoa que estime. Irradia simpatia. Conquista e arrebatada, por sua lealdade em limites. Sua personalidade é forte o suficiente para enredar as que dela se aproximam demasiadamente. Seu domínio, quase que completo, sobre os atos de Cyfarta é uma demonstração de sua capacidade de conquistar pessoas e exercer sobre elas grande influência, usando os trunfos do amor e da dedicação extremosa.

How — A grande dificuldade do escritor é adaptar as narrativas à sua própria vida. Sente-se o leitor, por vezes, completamente desorientado, quanto à época em que sucedeu tal ou qual fato, pois ele traça, para si próprio, uma personalidade única, para toda a história. Atravessa difíceis períodos de formação, sob as mais diversas influências, sem, sequer, notá-las. Desde o menino, até ao homem feito, o mesmo How. Sem influências. Sem mudanças. Sem nada. E aí é onde mais se nota a falta de naturalidade da obra: na condução crono-ideológica da própria existência.

Seus outros tipos são meramente acessórios, e, como tal, simplesmente vulgares. A própria Beth Morgan não é mais que uma mãe campestre, com suas teorias antiquadas e sua bondade de mãe. Ceridwyn e Angharad são moças comuns, notando-se na última maior existência. Dir-se-ia, mesmo, que Angharad parece ser uma cópia de pessoa real, ao passo que Ceridwyn aparenta ser pura criação. Os rapazes da família têm todos a marca do pai. E têm, todos, certas propensões para líderes, porém dignidade demais para isto.

No correr de suas quinhentas paginas, "Como Era Verde Meu Vale" apresenta uma variedade difficil de ser equiparada, em romance, de situações originaes.

Apresenta exageros. De suas cenas muitas são completamente inconciliaveis com a verdade e a naturalidade. O velho Isaac Wynn irrompendo casa dos Morgans a-dentro, gritando-lhes descomposturas e ao Sr. Gruffydd, pela realização de uma festinha em dia santo, é, simplesmente, um absurdo, como o é o julgamento do homem que violentou a criança na colina.

Tambem há cenas sem graça. A velha Beth discutindo a questão da vírgula decimal é das primeiras desta especie.

Mas, em sua maior parte, as cenas se apresentam vibrantes de delicadeza humana, de emoção, ricas de tudo quanto é beleza de sentimento. A explicação do Sr. Gruffydd a How sobre a questão da geração dos homens, os conselhos do velho Direto. da Escola, o capitulo em que Matthew Harries pede Bronwen em casamento, são exemplos emocionantes.

E toda a obra, com seus senões, suas imprecisões e insufficiencias, não deixa de ser um grande livro, digno de ser lido e admirado, porque, dentro de sua poesia, de sua acentuada — se não exagerada simplicidade campesina, da franqueza de seus fatos, destaca-se como uma historia rescendente de vida, no seu mais amplo e vario aspecto, cheio de imprevistos movimentados e empolgantes, que nos arrebatam e nos fascinam.

Quando finalizamos a leitura, estamos quase que empanturrados de tanto comer tortas de amoras e tomar chá na casa de Bron, na cidade de Gruffydd, ou dos Morgans, a todos os momentos. Conhecemos o frescor verde do vale. Ouvimos as máguas do regato. E até temos ódio do longo montão de escória, que serpenteia, preto e nauseabundo na sua sujeira, colina abaixo, sobre as casas dos mineiros... Parece que sentimos a mesma obsessão que faz o autor citar a escória, pagina após pagina, até ao fim do livro.

Quando terminamos o romance, conhecemos algo do povo e do próprio País de Gales, e sabemos imaginar — oh! por certo que sabemos! — como era verde o vale de Richard Llewellyn!...

“Papini e a Historia de Cristo”

Nasceu na Italia e escreveu as mais belas crônicas que já li, em livros cheios de judiciosos conceitos e — o que mais os notabiliza — de acertadas e interessantissimas sugestões para as crises que o mundo coevo vem atravessando. Seus livros se especializam em crítica — moral, social e religiosa — que ele sabe encaminhar, irrepreensivelmente, para o lado construtivo. E' um verdadeiro cristão e tudo que escreve é impregnado do sabor magnífico que a solidariedade humana empresta às coisas que nela se baseiam. E' um incurável criador. Não sabe dizer coisas sem criar ilustrações, casos, historias, que as tornem mais evidentes ainda e mais belas. E suas criações empolgam, porque são fundadas sobre conceitos e experiências profundamente racionais e humanas. GOGH, CELESTINO VI, e muitas outras suas criações, são vultos que, pela consistencia de sua capacidade de dar vida ao irreal, se tornaram, para os que o lêem e o compreendem, verdadeiros espécimes humanos, no mais estrito sentido de termo: conscientes dos seus direitos e dos seus deveres perante a Sociedade, a Religião e perante suas proprias consciencias. Seus personagens são sombras que vivem e que sentem como os homens que representam. E que podem servir-lhes de modêlos e de guias em busca da Verdade e da Justiça.

Ele é, ainda, um mestre na descrição. Poucos escritores podem comparar-se a ele em capacidade de exposição de causas e de fatos. Poucos biografos se lhe equiparam. E maior que ele somente, talvez, o grande descritor de vidas que foi Stefan Zweig. Talvez...

E' assim Giovanni Papini, o cronista, o crítico, o biografo — o grande escritor, da reaildade atual cristã.

Dos seus livros — poucos hesitariam em dizê-lo — o mais impressionante e o mais vivo é a “Historia de Cristo” Apesar do seu carater apologético — gênero pouco apreciado, principalmente entre os moços — é uma obra que agrada e empolga a quantos a lêem. Sem excetuar os proprios moços.

Na “Historia de Cristo” escreveu suas crônicas mais emotivas, suas criticas mais mordazes e suas mais lindas descrições. Suas paginas são transbordantes de sentimento; de singeleza e de sinceridade. Nem nos capítulos de “Gogh” ou do “Livro Negro” escreveu com maior crueza, criticou com maior

severidade e veemencia os erros e as fraquezas da Humanidade. Naquela sua maior obra criticou a todos com a mesma sinceridade: à Historia Sagrada, aos Apóstolos, aos Evangelistas, aos povos. Ao Cristo. Ao proprio Deus.

Nem nas suas "Cartas do Papa Celestino VI aos Homens" foi tão drástico. Nenhum das suas grandes lições de Amor e Humanidade foi melhor ministrada do que qualquer das lições dadas na sua "Historia de Cristo". E, neste, cada capítulo é uma lição.

E nem na sua "Vida de Santo Agostinho" suas palavras têm mais vida que as cenas que ele narra da vida d'Aquela Nazareno de tez amorenada e olhar manso de cordeiro.

Desde que transpomos o episódio do Natal do Estábulo, sentimo-nos como que dentro do livro: personagem dele, ora incarnados num pastor humilde que assiste, ajoelhado a um canto da estrebaria, ao balbuciar primeiro do Menino; ora no corpo de um daqueles publicanos humildes que O escutavam maravilhados às sombras dos sicômoros e dos carvalhos da Palestina... E ouvimos as grandes paginas do Evangelho de Sua propria bôca. Vem-Lo batizado à beira do Jordão; triunfante, sobre as aguas, serenando tempestades; e ouvimos Suas últimas palavras do Calvario: "Perdoai-os, Meu Pai, pois não sabem o que fazem"... E entra em nós um alívio magnífico de perdão.

Ao fim de tudo, nosso "eu" está muito mais convicto de que não devemos adstringir-nos somente às coisas da materia. Convencemos-nos de que precisamos cuidar de nossa condição espiritual. E quando não nos convencemos completamente — como é o caso do redator destas pobres notas — de uns tantos ensinamentos do cristianismo, pelo menos chegamos à consoladora conclusão de que o Cristo não é um mito. E de que Sua Doutrina não consiste em filosofia vazia. De que Ele viveu entre nós e morreu entre nós. De que Ele, como homem que foi, viveu o mesmo ambiente de perfídias e desilusões que nós vivemos. De que sentiu os contrastes todos que vivemos. E, diante disto, sabendo que o Filho de Deus esteve sujeito às mesmas falhas que nós temos, que foi tão fragilmente humana quanto nós, uma sensação admiravel de segurança nos penetra fazendo-nos sentir mais perto de nós as esperanças que julgávamos infinitamente distantes.

E verificamos que nos sentimos muito mais capazes de vencer na Vida, como Ele venceu.

A fé

Que é a fé? Que misterio incluso e indecifrável envolve uma tão simples palavra?! — Talvez uma virtude própria da espécie humana, um sentimento que já nasce conosco, reflexo do caráter dos nosso país. Pode ser também proveniente do ilimitado caráter crédulo dos povos, que acreditam irrestritamente em inúmeras tradições e superstições, — quasi todas essencialmente religiosas — que medram rapidamente nos cerebros cheios de enganosas fantasias!

— São sempre estas as opiniões e respostas evasivas dos increus e materialistas, que são inacessíveis à todas as evidências, e, até mesmo às vozes dos seus subconscientes.

Mas, os sensatos não refletem igualmente; a fé, não se pode definir, porque é infinitamente maior que a intelligencia humana, é incompreensível; é Divina.

Tudo quanto existe teve principio; primeiro o homem, depois as cousas. Entretanto, a fé nasceu com o homem, e com ele prosseguiu pelos ásperos caminhos do tempo, atravessando os pântanos traiçoeiros dos vícios odiosos, e transpondo as montanhas alcantiladas da ignorancia.

Desde o principio da evolução humana, os povos têm adorado inumeras divindades, e toda esta idolatria, teve uma base: A garantia de um repouso tranquilo na Outra Vida. Temos o exemplo dos Egipcios, milhares de anos antes de Christo, dos Gregos com o seu consagrado Olimpo, etc.

Entretanto, um fato se torna cada vez mais patente e comprovado aos olhos da civilização. Embora as crendices sejam variadas, e os costumes diversos, convergem todos para um mesmo ponto, que é Deus. É o mesmo Deus que nós cremos e veneramos, que vem sendo adorado desde o principio, sob os nomes mais diversos.

Nós, não sabemos realmente por que temos fé, sabemos somente, que além de nós existe algo maior que tudo e que todos, porque sentimos a necessidade ardente de ter fé, porque é ela a verdadeira felicidade.

A Religião, a Ciencia e o Jovem

O século XX é inegavelmente o século dos contrastes. A Ciencia avança e os filosofos materialistas a jogam de encontro a Religião. A Religião se defende, relaciona verdades à Ciencia e contra-ataca àqueles com provas metaficas e logicas. Travam-se combates literarios; vencem uns, parecem vencer outros. E o jovem atual vive num meio incerto de teses extensas e dogmas complicados. E ele se sente irresoluto. Pensa em muita coisa, sim porque entre outras coisas o progresso ensinou ao jovem que ele tambem tem o direito de pensar, e ele que não sabe ainda, como os teologos, estabelecer ligações logicas entre os fatos scientificos e as verdades divinas, não compreende coisas como por exemplo; a origem do homem etc... e não decide nada. Segue credos religiosos, é certo, porem de um modo semi-automatico, forçado quase sempre pela familia que tambem quase sempre cassa totalmente o direito de raciocinio, pelo menos sobre estes assuntos. E o jovem é religioso sem o ser, sem compreender, sem ter fé. É daí que nascem os contrastes; dos entrechoques dos dogmas com os conceitos em intelligência novas, intelligencias que se formam e que dão os primeiros passos na vida intelectual.

E estes contrastes perdurarão enquanto a Ciencia e a Religião não se compatibilizarem de uma forma mais clara, mais vulgar, porque não são os teologos que precisam de esclarecimentos, porem o povo, o jovem principalmente, porque ele é quem vive sem saber como adorar a Deus.

Daí nasce a incerteza, a incapacidade de crer numa unica Essencia, numa unica Verdade. Daí saem jovens de intelligencias titubeantes, que se inclinam para o ateismo e para o materialismo, para as doutrinas da carne, deixando que o espirito se esfacle de encontro às contingencias humanas, à egolatria materialista.

É necessario pois que a voz da Igreja se levante! É necessario que o cristianismo sadio lute contra a materialização da intelligencia humana, não clamando do alto dos púlpitos, porem do meio das multidões, do meio dos jovens, onde paira a inexperiencia e naturalmente a capacidade de aceitação das mais absurdas, teorias, das prejudiciais convicções.

Já houve quem dissesse: "É necessário que a Luz partindo da superfície atinja as mais reconditas cavernas". Porém, está errado. É necessário que a Luz comece a irradiar-se justamente do fundo das cavernas, das partes obscuras, das tocas mais escondidas. É necessário que a instrução religiosa parta de onde há mais ignorância para que o estado passivo de incompreensão não se transforme numa fonte de convicções e ideias errados.

A Fé precisa de dominar esse surto de rebeldia religiosa que avança escandalosa, avassaladoramente, terrivelmente, sobre a humanidade já raquítica e vacilante.

Os teólogos precisam de ser mais claros e mais eficientes para poderem defender mais potentemente da devassidão o espírito da juventude, o espírito do Mundo!

Advertencia

PARA AS AUTORIDADES CONSTITUIDAS DO BRASIL

Isto não aconteceu, mas bem poderia acontecer. Sim, porque as pessoas muito inteligentes — e especialmente em certos casos — são muito susceptíveis. E há, infelizmente, algum receio ainda e alguma dúvida entre os brasileiros pretos, sobre os sentimentos dos outros para com eles.

Há, além do mais, ainda alguns tradicionalistas amalucados e vaidosos que se julgam de linhagem pura e nobre, entes superiores, enfim. Triste engano: o Brasil é uma única raça: a brasileira. Todos os brasileiros são brancos, índios e negros. E aí está a nossa superioridade sobre os outros povos do mundo, porque aí estão, sem retoques ou “maquilages”, os verdadeiros princípios da IGUALDADE, da FRATERNIDADE e da JUSTIÇA.

João é filho de um obscuro funcionário público do Interior. Estuda, com sacrifício inaudito, o Curso Científico, com matrícula gratuita, cedida pelo Colégio. É interno, e é o melhor aluno de sua classe. Mas, no seu peito, se esbate um problema, um terrível problema: estimam-no os colegas?

Ele crê que não. Parece ver, em tudo que eles dizem, algo de piedade, de nojo, ou de rancor. Na mais simples das piadas que lhe contam, ele pensa perceber um dito chistoso sobre a sua cor e sua pobreza. E senta-se sosinho, pelos cantos, afastado de todos, entregue inteiramente aos seus livros e aos seus recalques.

Hoje, numa grande festa promovida pela Direção do Colégio, foi homenageado com o prêmio máximo do ano: o prêmio “O MELHOR ALUNO DO COLÉGIO”. E, ao subir ao palco enfeitado de flores, entre seus lábios, sempre sisudos alvejava um sorriso, e nos seus olhos — sempre graves e cabisbaixos — deixava-se ver um brilho intenso de satisfação. De uma satisfação que se desfez, quando ele ouviu alguém dizer: “Ora! um negro!”

E, quando ele voltou para o seu lugar, entre o delirante estrugir das palmas e os sorrisos amigos, e os abraços, e as felicitações, ele ouvia somente aquelas três palavras: “Ora!

um negro!" E elas o acompanharam até ao Internato; passaram o dia com ele. E agora, quase noite, ele escreve. Sobre elas, talvez...

Levanta-se. Toma o caderno, e, numa voz que não a voz tímida que ele emite sempre, com uma voz diferente, de homem forte, lê:

NEGRO

fo

Ser negro!
Ter na cabeça encarapinhada
o peso de tôdas as maldições;

Levar no coração maguado
o sofrimento de todos que sofreram
e as maguas tôdas dos que fracassaram!

Ser negro: ser maldito e infeliz;
Arcar com o ódio de todos os mendos
e a maldade de todos os perversos!...

E cai soluçando sobre a mesa.

— Por que negro? Por que somente meus cabelos são tão rudes e somente a minha pele assim escura? Tantos outros na classe... mas somente eu (por que somente eu?!) cometi a maldade e o crime de ser negro! Por que eles todos zombam de mim? Por que somente têm para mim o azedume e o nojo? — É como se eu tivesse na minha pele negra a maldade de tôdas as culpas e a abjeção de tôdas as torpezas! Malvados! Pérfidos! Hipocritas! Eles, sim: eles talvez tenham as almas corrompidas e pôdres; talvez, que vivem de orgias de farras — tenham na pele a palidez dos vencidos e dos imprestáveis!

Levanta-se. Sua voz, que de murmúrio de súplica se elevava até ao império, alça-se mais ainda:

— Mas, eles verão que não conseguirão vergar, com o laceronismo hipócrita de suas ironias, a minha vontade de lutar e de vencer; eu os vencerei; e a maior de todas as minhas vitórias será pisá-los, com o peso de meu triunfo; esmagá-los! estudarei muito e lutarei muito. Cada aula a que assistir, sei bem, valer-me-á um dia de escarneo; mas prosseguirei, levantando aqui e ali o meu amor próprio e o meu orgulho, derrubados pelas pedras dessa mocidade de verdugos bran-

cos e inconscientes. E, um dia, eles verão erguer-se a minha pena e a minha voz, e cair meu braço, musculoso pelos trabalhos continuos e árduos, como um inexoravel malho de vingança. E eu levantarei comigo toda a minha gente, todos os negros e todos os pobres — estarei á frente de um milhão de oprimidos, para um milhão de justiças vinditas; Eles verão.

— Quando eu tiver, então, entre meus dedos ansiosos, o sangue da vitoria, quando todos os que me ironizam e desprezam tiverem esquecido de que sou um negro, então, mais do que todos, eu o recordarei. E não será o João, o negro e o pobre, a desferrar seus sofrimentos; serão o negro e o pobre, somente. Se o meu coração, por ventura, invocando algum principio de humanidade, recusar obedecer aos musculos e ao cérebro da minha vingança, eu o sufocarei, mostrando-lhe a justiça que haverá em qualquer maldade que eu fizer, mostrando-lhe o certo de todas as crueldades que imaginar, em vista das maldades e das agruras por que têm feito passar a minha gente, atravez dos tempos. E ele se curvará; porque evocarei em meu favor a hediondez do tráfico dos escravos e o preamento de indios; os negreiros, assaltando minha tribu, roubando-me à minha familia, esfacelando meu lar e meu povo; acorrentando-me, como um cão bravo; separando-me da minha mulher e da minha mãe; tornando-as objetos de sevícias abominaveis da marujada infame; evocarei o terror das travessias dos mares, nos pôrões infectos; a Fome e o Castigo, lacerando-me a carne; a Molestia; a Morte!!!

— E não será somente isto; e os mercados de escravos? e os dias inteiros de trabalho e de fadiga? Novamente a Fome, a Miséria e a Morte... Serão minhas testemunhas as épocas em que não havia no negro a pessoa; — somente o animal: mais feroz que a pantera, mais amaldiçoado que Satanaz. E mais trabalho... mais chicote... mais sevícias e milhares de sofrimentos mais..

E eu lhe exhibirei, tintas de sangue, as terras que circundam as serras onde eu estabeleci a minha Republica, e o seu sangue de irmão clamará pela desforra. E nele renascerão todos os ideais e tôdas as energias de Zumbi Ganga Zumba, e nele renascerão as vidas de todos os que tombaram ensanguentados no Quilombo dos Palmares.

— Então, eu os esmagarei.. Deve ser forte a vingança dos fortes.

Então, este Brasil será somente dos negros e dos que não têm dinheiro para colégio, dos perseguidos e dos flage-

lados. Das cinzas da República dos Palmares surgirá um novo Brasil, muito mais forte e muito mais justo.

Temos direito a isto: foi o meu sangue, o nosso sangue que regou a cana de açúcar e alimentou o gado; foi o nosso suor que argamassou as indústrias; e nossos braços rasgaram as florestas e as minas; e nossos pés abriram seus caminhos; nós fizemos a grandeza do Brasil!

— Brasil: chegará a hora da justiça! Nós te faremos maior, muito maior que és. Nós mudaremos a tua côr, para aumentar a tua gloria.

Havia já algum tempo, chegara um seu colega, que o admirava muito, e ficara à porta, escutando. Seus olhos tingiam-se de emoção embaçado de lagrimas, e seu coração pulsava mais forte, cheio de fraternidade.

— João, não é verdade: o Brasil não tem côr; não tem homens brancos, nem homens pretos: tem somente brasileiros.

Você não vê, meu amigo, sarcasmo no riso dos seus colegas; nem maldição; nem nojo. Eles o admiram e o estimam. E o admiram muito, porque sabem que — longe de diminuí-lo — sua côr nos lembra que fôram seus pais e os pais de seus pais que construíram, com muito suor e imensos sacrificios, tudo o que em nossa terra é belo e rico.

Compreenda isto. Veja nos nossos sorrisos nossa admiração e não um sarcasmo que nunca existiu. Que essa força e esse seu afã de vencer e de esmagar se transformem em sublime desejo de vencer e elevar — a você e a todos nós — pois somos todos um único povo, a raça dos mestiços e dos bons: a raça brasileira. Precisa de compreender-nos e dar-nos a força do seu ideal, para que possamos conduzir o Brasil, com uma única força, para um futuro radioso e coberto de louros.

Ao fim de tudo, inclinados um sobre o ombro do outro, choraram, comovidas, lagrimas fraternas de patriotismo...

Como Nasceu o Pensamento Humano

Os homens da era paleolítica, afirmam historiadores, viveram a primeira fase do pensamento humano. Pesquisas feitas em locais provavelmente habitados naquela época deixam a deduzir a existência de uma determinada veneração para com os mortos.

Não há dúvida nenhuma que já naquela época se usava o costume de enterrar os defuntos. Acredita-se mesmo na existência de um cerimonial, embora muito bruto ainda, para o sepultamento dos mortos, em virtude da semelhança das posições em que são encontrados a maioria dos esqueletos de espécimes humanos daquela era. Geralmente são estes encontrados como se agachados, tendo as cabeças encostadas aos braços que se cruzam sobre os joelhos. Da originalidade dessa situação é que se deduz a concorrência de outra ou mesmo de outras pessoas humanas para acomodá-los.

Alem desses pormenores, eram os cadáveres enterrados em covas muito profundas, o que comprova a hipótese de que a mente do homem paleolítico começava a engendrar uma filosofia capaz de fazê-lo crer na existência, no corpo humano, de algum outro elemento venerável além da matéria.

Formula-se a hipótese de que foram os sonhos que despertaram no homem a ideia da existência de "alguma coisa" fora do corpo. Depois, vendo a imobilidade dos cadáveres, começaram a nascer inúmeras dúvidas e incontáveis questões buíndo-lhe, conseqüentemente, o conceito de vida.

Com isto ela começou a viver a primeira filosofia, a primeira religião: "Há além do corpo algo que é superior a ele, e que rege as suas funções". Foi esta a primeira ideia de alma.

Com a aceitação da existência desse novo elemento, começaram a nascer inúmeras dúvidas e incontáveis questões a exigir soluções. E foram aparecendo pouco a pouco, as primeiras divagações filosóficas.

O medo instintivo, ou, talvez, a própria admiração, veio a sugerir ao homem, que começava a raciocinar, a superioridade das forças da natureza sobre a sua força. Começou ele a endeusar os astros e os fenômenos da natureza. Surgiu

o conceito de bem e de mal, suscitando a criação gradual de um politeísmo desorganizado.

Com a evolução de sua inteligência o homem conseguiu distinguir os deuses em categorias hierárquicas. Com o aperfeiçoamento dessa hierarquia foram se abrindo caminhos para um semi-monoteísmo e, finalmente, para a admissão do monoteísmo.

Marechal Deodoro

A tua cidade, ó Soldado,
Tombada ao lado da lagoa
Definhando sob o peso do progresso,
Tua cidade morre.

Morre! Estetoriza ao som
Das passadas glórias.
As casas caem.. tudo cai;
Até as igrejas de limo se cobriram.

Levanta, Soldado, e vem comigo,
No lodaçal da pobreza!
Vem ver cair a fibra do teu povo

Vem ver tua casa como ruiu...
Vem ver como teu próprio nome
Se afoga nas águas dos tempos que passam.

A Historia do Primogenito

COMO SE FEZ O GINASIO SANTANA — O PRIMEIRO DOS GINASIOS DA CNEG EM ALAGOAS — A HISTÓRIA DE UM POVO QUE SOUBE QUERER — 4 ANOS DE SERVIÇOS INESTIMAVEIS AO PROGRESSO DO GRANDE MUNICIPIO DE SANTANA DO IPANEMA — CONEGO JOSÉ BULHÕES, DR. AUGUSTO COSTA E CEL. LUCENA MARANHÃO — TRÊS GRANDES NOMES NA VIDA DO GINASIO SANTANA

O trem escorrega pelos trilhos, bem depressa. O foguista, suado e sujo de carvão enche pródigamente a bôca da velha "Maria Fumaça". Os vagões vão cheios de gente. Viajantes de casas comerciais, cansados e aborrecidos, olham carrancudos as contas atrasadas que os devedores se recusaram a pagar, ainda daquela vez. Rapazes fardados e comerciantes gorduchos se confundem em um mesmo sono, embalados pela chiante "cantiga de ninar" que o trem entôa na voz do matraquear incessante dos seus ferros. Até, padres — digo — até um padre faz parte da pequena comunidade que sofre irmãmente os rigores da cansativa escala ferroviaria Maceió—Palmeira.

E' o padre Teofanes Barros, diretor da Divisão de Aprendizagem Comercial do SENAC. Vai a Palmeira dos Indios inspeccionar as escolas SENAC alí funcionando. Mas não vai dormindo. Ao contrario; parece desenvolver grande atividade intelectual. Conversa com alguém. Parece explicar algo de suma importancia, a julgar pelo modo sobrio com que manuseia a frente e consulta dados de um esquema estatístico.

Seu interlocutor, uma figura simpatica de olhos brilhantes e um inconfundivel ar de austeridade tradicional, ouve, com visível entusiasmo, aparteando sempre com grande interesse.

—E' nosso grande problema. Enquanto não o resolvermos, todo e qualquer progresso, quer na agricultura, na industria ou em qualquer genero de produção ou exploração, que conseguimos será obra meramente casual, uma vez que a Educação e a Técnica, infelizmente, ainda não estão disseminadas, como se faz necessario, no nosso País. Entretanto, entre pessoas inteligentes, todo esforço deve estar planejado dentro de um conhecimento pratico do assunto em lide e toda ação deve estar ligada a uma esperada consequencia. E'

preciso que nos esforcemos para implantar no Brasil estas normas sociais. E isto é que é difícil, porque, para isto, é preciso que haja instrução. E no Brasil, e principalmente no Nordeste, quase que somente as capitais dispõem de estabelecimentos de ensino capazes para ministrar o ensino secundário. E' preciso, portanto, que os mais esclarecidos procurem empreender algo que possibilite ao jovem pobre que vive no interior uma outra trilha que não a que conduz ao balcão do armazem da esquina.

E é plano da Campanha Nacional de Educandarios Gratuitos fazê-lo. Estou estudando o campo para lança-la aqui, em Alagoas. Deus e os homens de boa vontade me ajudarão, por certo.

—E' verdade, Reverendo. Uma verdade tristemente incontestável, a insuficiência da Educação em nosso Interior, como o é no interior de todo o País. A ignorancia é um dos maiores flagelos que se abatem sobre a nossa já tão falha constituição social. Já está provado que a base de 80% da delinquencia, no Brasil, é o desconhecimento de qualquer lei moral ou intelectual, que não as erroneas concepções populares acerca de sentimentos tais como a Honra, a Dignidade, etc., bem como alguns preceitos — mistos de religiosidade e superstição — insuficientes e, no mais das vezes, nocivos à Sociedade... Fala o interlocutor, em tom jurídico que condiz com o anel rubro que cintila no seu anular direito.

—O Senhor atacou o ponto nevrálgico da questão, Dr. Augusto. Exatamente no meio civil é que se faz sentir com mais insistencia o efeito nefasto da ignorancia.

—Mas, Reverendo, deixando de lado o ponto de vista teorico, e procurando entrar em conclusões praticas... poderia V. Revma. dizer-me algo sobre o plano de ação que já organizou para a novel Secção Estadual da... (como é mesmo Padre?)

—Campanha Nacional de Educandarios Cratuitos.

—... sim, da Campanha Nacional de Educandarios Gratuitos?

Oh! Dr... mas é claro que sim! Terei o maior prazer nisto. Na verdade, não há necessidade de formular planos agora, no principio, uma vez que um terço dos nossos municipios estão necessitando urgentemente de assistencia educacional. Meu plano é servi-los o quanto antes. Depois, então, farei planos melhores. Por enquanto, vejamos: — S. José da Lage, Pilar, Arapiraca, são cidades que bem merecem...

—Santana, talvez, Reverendo...?

...sim, Santana também, são cidades, como eu ia dizendo, que bem merecem uma olhada mais detida aos respectivos panoramas culturais... — Aliás, como frizou o prezado amigo, evitando que eu cometesse uma imperdoável omissão, Santana do Ipanema é, na qualidade de um dos mais equilibrados, financeira, demograficamente, etc., dos nossos municípios, uma das cidades que mais prescindem de estabelecimentos de ensino médio. A CNEG precisa pensar nisso.

—Reverendo, sem ser uma exigência: Não poderia V. Revma. dar um saltinho a Santana, logo desta vez?...

—Bem... digamos... digamos que isto é um caso a estudar...

E o trem sai escorregando pela noite escura...

* * *

Dois dias depois, quando já desocupado das suas obrigações em Palmeira dos Índios, o Pe. Teofanes Barros resolve internar-se um pouquinho mais na zona sertaneja, estendendo sua viagem até Santana, onde também inspeccionará a escola Senac local.

Chegado à cidade vê-se crivado de indagações e de apelos... e o resultado é que se torna necessário realizar, às pressas, uma sessão, que a História do Município registrou como — SESSÃO DE FUNDAÇÃO DO GINÁSIO SANTANA.

Foi levada a efeito na casa do então Pároco local, o Cônego Bulhões.

Está dado o primeiro passo. Agora, com o Ginásio em pleno período de gestação, é que se irão pronunciar os primeiros nomes que ilustrarão a sua História. Os nomes dos homens que se propuseram construir alicerces reais para o bonito castelo recém-sonhado.

A cidade está em reboição. Todos pensam no advento de uma nova época para o Município: numa época em que não terão de educar os seus rebentos longe do lar, entre pessoas estranhas, muitas vezes, hostis; numa época, pensam os mais pobres, em que os seus filhos também terão direito à Educação, em que seus filhos não se verão obrigados a ser humildes e insignificantes como eles, em que seus filhos terão possibilidades de ser homens libertos, homens livres!

* * *

Logo após à volta do Pe. Teofanes a Maceió, de onde começa a providenciar na confecção do processo respectivo, saem a campo os mais entusiastas "cenegistas".

Em Santana o clima social não dá margem a recalques ou preconceitos. Tudo é aberto, é franco. Lá não se notam as "complicações" burocráticas. Os homens públicos se confundem com os homens do povo. O homem mais ilustre de Santana não é o que tem mais dinheiro; é o que tem mais amigos. A popularidade característica das autoridades santanenses, entretanto, não se confunde, em hipótese alguma, com a popularidade ensaiada e estratégica tão em voga no momento entre os dirigentes desprestigiados.

E ninguém se espanta ao ver o Cel. Lucena Maranhão, então prefeito de Santana, com uma lista de arrecadação de fundos para o Ginásio, em uma mão, e uma cópia dos Estatutos da CNEG na outra, a fazer preleções sobre as vantagens do ensino secundário, etc., etc...

Por outro lado, dois outros idealistas procuram furar os rochedos das necessidades materiais: o Padre Fernando Medeiros e o cidadão João Yôyô Filho. Talvez seja a atividade conjugada e suada desses homens o fator principal da galhardia com que o Ginásio Santana vence as lutas que tem de lutar.

Para esses homens nenhuma barreira se faz intransponível, nenhum obstáculo se apresenta demasiado forte. E eles derrubam, com o ardor da utopia que os anima, as barreiras que se interpõem ao sonho que sonham; e esmagam, com o furor de sua vontade incontida, os obstáculos que ousam deixar pairarem suas sombras agoureiras sobre o campo onde eles tencionam construir seu sonho de grandeza: O Ginásio Santana.

Também ninguém estranha em ver o já combalido, porém ainda dinâmico e boníssimo, Cônego Bulhões apegado à missão de incentivador, dando à obra o de que ela mais necessita no momento: o apoio moral e a confiança nos seus empreendedores.

Depois, é eleita a primeira Diretoria do estabelecimento. Integram-na os cidadãos:

Cel. José Lucena Maranhão — Presidente Administrativo
 Cônego José Bulhões — Presidente de Honra
 Cônego Fernando Medeiros — Vice-Presidente Administrativo

Cônego Teofanes de Barros — Vice-Presidente de Honra
 Fernando Nepomuceno — 1º Secretário
 Pancrécio Rocha — 2º Secretário.

VITÓRIA!

Autorizados os exames de admissão. Inscrevem-se cerca de 30 candidatos. Todos os santanenses estão radiantes. Os professores, um tanto nervosos, dão suas provas. Depois, com o magnífico relatório enviado pelo inspetor federal Dr. Clovis de Albuquerque Sarmento, o educandário tem licença para iniciar suas atividades curriculares.

Está consumada a obra; está consumada uma grande obra!

Já são passados quase quatro anos. Algo no Ginásio mudou; mudou para melhor. Ele já não funciona em um grupo escolar. O Cel. Lucena Maranhão, quando Prefeito, doou à sociedade mantenedora do Ginásio o prédio do antigo Tiro de Guerra, que, depois de remodelado dentro dos preceitos da técnica educacional moderna, tornou-se um dos melhores prédios escolares do Estado.

Ao invés de 30 alunos, conta atualmente com 94. Seu material didático nada deixa a desejar. Entretanto, não se modificou o espírito que lhe orientou os primeiros passos. Ele continua a ser o da solidariedade, do trabalho comum e desinteressado dos primeiros tempos. Entre as suas paredes não se discutem credos políticos. Ali somente se trata de Educação e Civismo.

O Cônego Bulhões morreu, faz quase um ano. Foi uma grande perda para o Ginásio que ele ajudou a erguer. Mas, o cunho moral que aquele santo sacerdote lhe emprestou continua a orientá-lo. Continuam a impulsioná-lo a fraternidade e os sentimentos bondosos que os seus dirigentes souberam copiar daquele grande homem. E, por isto, a História do Ginásio Santana é um livro sem manchas, um álbum sem borrões. Não há páginas que mereçam ser coladas, ou esquecidas; todas são meritorias e dignificantes.

Este ano, escrever-se-á nela um novo capítulo, talvez o mais fulgurante de todos: Ele contará à posteridade como foi que saiu a primeira turma de ginásianos da cidade de Santana do Ipanema, formados sem arredar o pé da terra mãe, sem sacrificar em terra estranha nem um pouco sequer do amor paterno que o ambiente familiar lhe incutiu no peito!

E é preciso que seja registrado aqui um voto de louvor aos professores dedicados que souberam conduzir, sempre pelos caminhos da sabedoria e da justiça, as atividades, quer curriculares, quer extra-curriculares do estabelecimento. São eles:

Diretor: — Alberto Nepomuceno Agra.

Secretária — Melânia Oliveira.

PROFESSORES:

Maria Monteiro Wanderley
Eunice Rocha Cabral de Vasconcellos
Elizabeth Lacet Batista
Dr. Everaldo Batista
Dr. Edgar Santos Tôrres
Dr. Hélio Lopes
Dr. Hélio Rocha Cabral de Vasconcellos
Dr. Aderval Wanderley Tenório
Pe. Luiz Cirilo
Pe. Jeferson Carvalho
Alberto Nepomuceno Agra
Onildo Nepomuceno
Milene Ferreira da Silva
Fernando Ferreira Alves
Humberto Santana.

CONCLUSÕES

O Ginásio Santana é um exemplo aos cépticos e pessimistas. Mostra que no Brasil ainda há idealismo desinteressado, que no Brasil ainda há muitos corações que pulsam por sentimentos mais úteis e mais dignos que o ego-centrismo das realidades e das aspirações. Que ainda há governantes que se preocupam com as necessidades do povo e não negam seu apoio nas boas obras que ele procura realizar.

Toda a CAMPANHA NACIONAL DE EDUCANDARIOS GRATUITOS é um exemplo disto tudo. Um exemplo que todos devem procurar compreender, porque é o exemplo da verdadeira glória.

Uma Saudade Diferente

Preciso escrever. Preciso escrever algo pavoroso. Somente o negror das tenebras poderá livrar-me de sua própria obsessão.

Terror! Terror! Terror de ver, minuto a minuto, um corpo que se levanta de uma cova e me acusa. Terror de sentir, no escuro, a voz gélida das coisas mortas. daquelas coisas mortas que falavam e se calaram. Não há mais, dentro das horas remotas da madrugada, a luz que se acendia no meu quarto, dizendo-me, calada, que era tarde, hora de parar o trabalho, de dormir. Terror de tôdas essas vozes silentes que denunciavam uma presença a mais, é que se calaram para sempre.

Mêdo do escuro. Mêdo de lembrar. Mêdo em cada coisa, em cada ser. E o relógio batendo, na parêde, os segundos que se arrastam.

Recordo uma noite.

Era escuro na casa grande do Engenho. A noite feia e o céu cinzento. Passava um sôpro violento e frio, que agitava as árvores e inquietava a gente. Um barulho muito feio de folhas ao vento. Aquí e acolá, a gente tinha a impressão de ouvir um baque. E tôdos tinham frio. Tôdos tinham frio, e eu tinha frio e mêdo. Foi uma noite horrível, aquela noite no Engenho do Tio Jorge.

O casarão se enchia de sombras. E as sombras de vida. E de morte. Sempre tive muito mêdo de coisas mortas. E o casarão parecia cheio de sombras mortas que reviviam...

Um baque, lá longe. Um latido angustiado, sôfrego. Alguem lobishomem devia estar chupando o sangue de alguém! E aquilo vinha chegando para perto... para perto... eu sentia como se tudo se passasse no telhado, bem em cima da minha cabeça! Depois, o ruído vinha esmaecendo. Os grunhidos se acabando. O barulho menor... menor... menor... Alguem morrerá!

— “Agora sou eu! Agora sou eu!”

Meu pijama de listras se molhava tôdo. Suor. Suor e urina. A cama também. Tudo molhado. Gritei. Gritei como um louco.

Era como agora. Eu sentia muito mêdo, e gritei. Também agora mil gritos querem saltar da minha garganta. Quero gritar. Pedir socorro. Esconder-me. Desaparecer. Mas

não posso fazer nada. Minha bôca se enche de saliva. Quero engulí-la, mas tenho mêdo do barulho que ela fará. Como um baque, daqueles que eu ouço lá fora. Como um baque dentro de mim. Agora, a mesma impressão daquela noite. Parece que um lobishomem estraçalha o côrpo de alguém, no meu telhado. Sinto-me trêmulo. Preciso tomar água. Tenho vontade de levantar-me, mas não tenho coragem. Vem-me um mêdo terrível de pisar no figado ensanguentado de algum homem que morreu leproso! Por que essa lembrança? Não sei. Mas o tapête vermelho parece um grande figado sangrento esparramado no meio da sala. Vermelho... Vermelho. Uma côr horrível, que lembra sangue. Muito sangue, muito sangue... Amanhã vou vender esse tapête vermelho!

Naquela noite eu gritei muito, muito, e chorei até adormecer chorando. Mudaram-me o pijama de listras e eu dormí abraçado com a Tia, na cama grande do quarto da frente. E nem ouvi mais o lobishomem...

Agora não. Nem tenho por quem gritar. As rajadas de vento não cessam. Não deixo de ouvir aqueles baques, pela noite a-dentro. Um. Depois outro. Agora outro. Outro. Outro! E o relógio, na parêde, coando os segundos. Um a um... um a um...

Os minnutos não passam. As horas não passam. A noite vai-se estirando. Vai entrando na minha alma e se enroscando nela. Já sinto a sua frieza. Parece que está dentro de mim o vento frio que sopra lá fora. E tôdos os seus ruídos. Os baques. Milhares de baques. Alguns latidos, de longe. O frio. Tudo dentro de minha alma. O vento frio vergastando meus nervos. Fazendo suar. Fazendo-me crer que vai surgir, daqui a pouco, um cadáver em cada canto desta sala. E um deles bem aquí, no canto do birô! Quatro cadáveres, com os olhos vidrados bem abertos, terríficos, fitando-me calados...

—Não! Não!

Sim. Sim... Talvez até algum deles fale alguma coisa. Ou tôdos eles falando. Vozes metálicas. Estridentes.

—“Morra!”

—“Morra!”

—“Morra!”

—“Morra!”

E eu com um mêdo horrível de morrer. Frio. Suando em bicas. Tremendo de mêdo. De terror. Mais ainda do que naquela noite. Muito mais!

Silencio. Silencio como nos cemitérios. Tenho um mêdo

tremendo de cemitérios. E minha casa parece um cemitério! Ontem, não era assim. Como vai longe aquela noite de ontem! Como andam sempre distantes as coisas felizes!

Minha casa não era assim. Não era. Havia música. Vinho. Amor. Cafézinho na hora de dormir. Felicidade em noites de frio, quando eu não temia o barulho feio do vento. Então, eu era poeta. Só há três poesias neste mundo: a Música, a Mulher e o Vinho. Nas noites de frio, o radio tocava... e eu tinha as três. Era poeta.

Mas tudo foi embora. Tudo. Tudo. Hoje, a noite só tem fantasmas. E medo. E terror. E um lobishomem que devora uma criança, no telhado. E uns cadáveres que vão aparecer, daqui a pouco, em cada canto da sala. Um bem aqui, junto do birô. E um fígado de leproso, esparramado no chão...

Minhas mãos tremem. Que será que eu tenho, afinal? Devo estar doente. Um calmante. Eu preciso é de um calmante! Mas, como ir buscá-lo? Tenho medo de pisar no fígado ensanguentado do leproso...

Se ela estivesse aqui! Então, eu não temeria nada. Ela me traria o calmante. Me faria carinho. Me contaria histórias. Parece que estou a vê-la! Mas, não vestida de preto, num caixão preto, com os olhos fechados, sem querer olhar para mim. Não, assim não!

Diferente! com os olhos castanhos tão bonitos! Diferente... Diferente de tôdas as mulheres. Andando diferente... falando diferente... amando diferente...

Aqueles olhos castanhos! Eu via neles, passo a passo, a minha vida... Mas aqueles olhos castanhos não previam derrotas, nem lágrimas, nem tristezas, nem misérias, nem esses quatro defuntos, de olhos vidrados que virão assombrar-me... Não! não... Naqueles olhos castanhos, eu via minha vida diferente!

Mas os olhos castanhos foram embora. E as imagens bonitas. Algum verme deve gozar agora as coisas bonitas que eu via neles para mim. Tudo foi embora. Tudo. Ficaram somente espectros enregelhados. Noites de frio, lembranças tristes de uma tenebrosa da minha infancia. Um lobishomem no telhado... quatro defuntos que virão, daqui a pouco... Medo. Terror. Medo das trevas. Medo da solidão. Saudade.

Ela morreu.

SAUDADE

Longe, bem longe de você
e eu sinto como se estivesse
bem pertinho, ao seu lado talvez.
E vejo e com quanta saudade,
e com quanta tristeza,
que esqueceu que não a esqueço nunca
e que não pensa mais em mim...
quanto eu penso em você.

E eu penso,
e com quanta saudade,
e com quanta tristeza,
que outro teria agora
o seu carinho.
Sinto vontade de chorar;
Mas, não; sou homem.
De esquecer; Não poderia nunca.

E não choro,
e não esqueço,
e não a tenho,
mas sinto saudade,
e quanta saudade!
E sinto tristeza,
e quanta tristeza:

por não ter você;
por não conseguir esquece-la...
e não poder chorar...

20/7/52:.

Luzia:

Isto é raro, porque é poesia; e eu não escrevo poesia...

O ELIO.

RECEIO

Imagens:

imagens douradas,

imagens azues,

imagens verdes,

aos meus olhos.

E eu tenho um medo medonho
de que essas imagens mareiem
e fiquem pretas.

Coisas que passam

Coisas que passam

como o dia,

como a noite,

como as maluquices

dos que são moços,

como a ingenuidade

das crianças,

como as próprias esperanças.

Precisamos segura-las.

Precisamos segurar essas coisas que passam:

Escrevo-as.

Seu Primeiro Amor

Ela era linda. Tinha os olhos azues, como o céu, e, neles, a alegria inocente das ondas do mar. Seus cabelos loiros davam a impressão de ser feitos de um punhado de luz...

Suas formas delicadas começavam a sofrer as transformações dos quinze anos, que a tornavam ainda mais maravilhosa, e ela começava a achar as coisas diferentes das coisas de outrora.

Aquelas palestras, aquelas histórias de amor que ela lia, tudo aquilo parecia ganhar novas formas, aos seus olhos — muito mais deliciosas, muito mais vivas que as formas que conhecêra antes. Era tudo tão bonito!

Então, ela quis ter um namorado — todas as suas amiguinhas namoravam...

Mas, era difícil! Não queria qualquer um. Havia lido que o primeiro namorado devia ser um tipo diferente, para que nunca o esquecesse: "o primeiro amor nunca se esquece"

É verdade que havia o seu visinho, o Jorge. Era um menino—rapaz, de cabeleira quase sempre desgrenhada, que a olhava com uns grandes olhos negros cheios de súplica.

Ah! ele era tão bonzinho! Mas, infelizmente, não era o "seu tipo". O rapazote não era o tipo que impressionaria — pensava ela — apesar de haver um tanto de fascinante no abismo negro dos seus olhos, um "quê" de irresistível naquela cabeleira revolta.

Ela sonhava um homem incomum. Não era preciso que fosse bonito — dizia — bastava que fosse diferente dos outros. Por certo, ele não usaria bigode. Teria o cabelo um tanto assanhado, com o de Jorge. Olharia as pessoas com um ar agressivo de quem não teme. Far-lhe-ia algumas brutalidades, de vez em quando, para fazê-la chorar. Sim, se possível, deveria saber fazer versos. Devia ser tão bom ler uma poesia com seu nome!

Os dias iam passando. Ela os achava tediosos, insuportavelmente monótonos. Jorge continuava a olhar para ela, e, quando conversa — umas poucas vezes — ele lhe dava sempre os seus melhores sorrisos.

Mas, não chegava o seu tipo ideal. Não vinha nunca. Quanto mais tempo ela demorava pensando, à noite, antes de dormir, no dia da sua chegada, mais ele persistia em não che-

gar. Era de balde que ensaiava o que lhe dizer, naquele grande dia. Puxa! como demorava!...

Ela já estava ficando impaciente. Se aquilo continuasse, terminaria namorando qualquer um — pensava indignada.

* * *

Certo dia, numa vez cheia de tristeza, Jorge lhe dissera que seu pai havia sido transferido. Em uma semana, sua família embarcaria para Belem, do Pará.

Desde então, ficou pensando mais um pouco do que sempre, antes de dormir. — Jorge ia embora. Com quem ela trocaria, agora, ideias sobre os filmes que assistia, os acontecimentos mais alegres de sua aula, as análises complicadas do malandríssimo poeta Luiz de Camões?

E, à medida que o dia da viagem ia chegando, mais demorava a dormir.

Afinal, chegou o tal dia. Antes de viajar, Jorge foi despedir-se dela. Tôdo emocionado, tomou suas duas mãos, apertou-as, e, inesperadamente, levou aos lábios, quentes de tristeza.

Ela ficou ainda mais corada. Suas faces eram como se fossem duas metades de uma maçã madura.

Não disse nada, e ele também não falou mais. Foi embora, encabulado.

O navio sairia às onze horas da noite. Estava acordada, ainda, e ouviu o apito do navio, que o levava para longe... e chorou! Derramou, no lusco-fusco de seu quarto mimoso de mocinha, suas primeiras lágrimas de amor.

Como fôra tola! Ora, como não compreendera, logo, que aquele Jorge, que o navio levava para longe, era realmente o tipo que ela queria, o "seu tipo"?!

E chorou, até que seus olhos adormeceram. Jorge — o rapazote de olhos negros e cabelos desgrenhados — havia sido, realmente, o primeiro amor de sua vida.

"O primeiro amor nunca se esquece" — ela jamais o esqueceria...

Pesadêlos

Era uma nuvem bem negra correndo para dentro dos meus olhos;

eram os dois olhos de uma offidio horrivel olhando para o fundo dos meus olhos;

era um ferreiro truculento e desdentado, de nariz adunco como um papagaio, acendendo na tocha um ferro em braza para furar meus olhos:

era o Pesadêlo.

Acordei suando, e o escuro do quarto encheu o meu suspiro de barulho.

Puxei o cordãozinho azul e a luz veio, para iluminar o envelope aberto da sua carta.

Olhei-o — e tive a impressão de que ele queria virar-me as costas.

Olhei-o — e quase acreditei que era você, sorrindo indiferente, espiando para um lado longe do lado em que eu estava.

Olheio-o — e o meu suspiro pesado inundou de mágua o quarto iluminado.

Era um outro pesadêlo!

ANGÚSTIA

Coisas que a gente lembra. Coisas que vêm sufocar nosso silêncio. Enchê-lo de suspiro. Magoá-lo de soluço. Fustigá-lo. Atormentá-lo.

Lembranças que chegam, de noite, pintando saudade no escuro. Tocando fogo nas retinas dos olhos da gente.

Olhos cansados. Ardentes de insônia.

Pedaços de vontades coloridas, cujas cores esmaeceram. Rubores amarelando. Azul ficando branco. Verde ficando branco. Tudo ficando branco. Tudo meio-nulo. É como se aquilo tudo não houvesse existido. Mas suas lembranças não nos deixam em paz. Ficam batendo na cabeça da gente, batendo, batendo. Renitentes!

Uma menina de tranças e olhos castanhos, sorrindo com aqueles dentes brancos aparecendo nús na tentação vermelha da boca bem feita. Menina de tranças e olhos castanhos, que lembra tempo diferentes da vida da gente...

Decotes côr de rosa e música brava. Vinho. Languidez. Olhos semi-fechados acordando remorsos. Remorsos. Vontade de reviver para apagar aquelas noites. Esconder em noites de estudo aqueles decotes côr de rosa. Remorso de não poder reviver.

Encontros de rua. Sonhos perdidos. Aquela vontade perdida de entrar para a Academia. Insinuações de rua. Um enterro. Uma esmola dada na esperança de ir para o Céu. Uma missa solene, assistida ainda de calças curtas.

O sono, afinal. O sono para apagar esses incômodos lampiões dos velhos tempos, que querem perturbar o escuro da nossa noite, do silêncio do nosso escuro. Para afugentar a menina de tranças e olhos castanhos. Esconder os remorsos é calar as vozes que falam mexericos na rua. Por fora de nossa cabeça as vozes cavilosas dos hinos de beata. O sermão do padre. O remorso.

Bendito o sono.

ORAÇÃO

De vez em quando,
acorda em mim o anjo adormecido.

Ele tem, por certo,
ainda os mesmos cabelos loiros
e os olhos meigos tão azues!

Tem aquele sorriso tolo,
que descobre a parcial ausencia
da primeira dentição,
que vai embora.

E quando eu passo
pela Nossa Senhora da Gruta,
os olhos longe,
os pensamentos deitados
no colo de algum pecado,
acorda em mim o anjo adormecido,
de cabelos loiros
e olhos da côr do céu:
—Senhora, protegei-me!

A FUGA

(Para MIMA)

Aulas... aulas... Quanta esterilidade eu vejo nestas aulas que não se acabam mais! Em redor, um, um único panorama: cheio de preocupações e de melancolia; um panorama que me apresenta, somente, duas dezenas de jovens, cansado e tristes, escrevendo, escrevendo... e esperando, ansiosos, a hora da saída...

Eu tenho raiva de ser um deles; pois não sou um homem talhado para mártir. Não gosto destas aulas; não gosto dos que me fazem assisti-las, com regulamentos absurdos e automatizantes. Não gosto destas aulas, porque o Professor exige coisas que nós não podemos fazer, uma vez que são contrárias às nossas tendências, porque nos oprimem; e é inadmissível, sob qualquer forma que seja, qualquer opressão a uma pessoa humana.

Mas, a aula continua. O quadro negro já está cheio de linhas; de circunferências concêntricas e de rebatimentos geométricas; e, ao lado, números em quantidade infinita se confundem com alfas e omegas desanimadores, numa profusão estonteante...

E eu me sinto sozinho, entre os rostos que me rodeiam. E procuro fugir; fugir para algum lugar bem distante dos números complicados e das letras ininteligíveis que a mão do Professor, quase que automaticamente, não se cansa de escrever. Quero fugir... fugir...

E meus olhos, cansados de correr atrás do giz que suplicia a minha inteligência, se afundam no meu coração, numa fuga deliciosamente embebecedora. E eu me deixo ir com eles; e todo o meu corpo mergulha na imensidão dos meus pensamentos mais ternos, na intimidade dos meus sentimentos mais recônditos.

E lá, juntinho da sua lembrança, morno ainda o lugar que você deixou vazio, eu sinto toda a beleza do seu gênio de mulher realmetne mulher, toda a semelhança de caracteres que há entre a minha e a sua personalidade... e sinto saudade! E' tudo tão bom... tão divino...

Mas, ah! tocou a sirene; fim de aula. Logo agora; logo quando tudo na aula se fazia atraente e belo!

E na minha fisionomia vai-se desmanchando o brilho de satisfação que havia há pouco, e eu vou voltando, carran-

cudo, ao ambiente, agora aliviado da tensão de antes e até satisfeito, para ver o Professor passar sobre o quadro a flácida esponja, apagando todas as formulas, todas as circumferencias, tudo, enfim, que lhe dera tanto trabalho...

E tenho vontade de, como ele, passar uma esponja sobre a queimadura que você deixou no meu coração, de passar uma esponja sobre os sulcos que você rasgou nele, e de esquecer todo o trabalho que tive pensando em você.

Mas, pouco a pouco, vou compreendendo que isto é impossível; impossível me é imitá-lo, porque ele escreveu tudo com a inteligencia, baseou todas as suas deduções no conhecimento, enquanto que eu pensei tudo com o coração, sohei tudo com o coração... E O CORAÇÃO 'NUNCA ESQUECE...

SEMELHANÇA

“Depois de tudo,
o mesmo olhar,
a mesma vontade perdida de ser feliz”.

Dois anos atrás. Um mundo de coisas vagas e a vaidade tôla da inexperiência. Arroubos de crianças amadurecendo ainda. Despeito: um tremendo despeito contra as coisas más. (Tolice não gostar das coisas más. No início, entretanto, é sempre assim. A gente não compreende a Vida. Não vê logo que não se nasce para ser-se compreendido, porem para compreender sempre, sempre — mesmo que para isto seja preciso renunciar muito).

Dois anos atrás. Problemas muito menos infinitos. Quase nenhum medo de cair. (A gente aprende devagar o número de quedas que a Vida guarda para cada passo). O primeiro fincar de pé das dúvidas primeiras.

Velho retrato! Um mundo de coisas esquecidas que se acorda...

Há um sacudir de pó no quarto inteiro. No quarto — mosaicos já tão gastos! móveis tão usados! — do subconsciente. E' o despertar de antigas sombras, que se erguem dos cantos de parêde, esgueirando-se por entre a fila interminável — e tão entristecida! parece uma fila de enterro... — dos dias que já passaram. E o pó que elas levantam a deramar-se em tudo.

Pobres sombras assustadas!

O velho retrato: cabelos em linha. Maxilares meio-cerrados. Ar inconfundível de auto-confiança. Quase nada parecido comigo mesmo.

Mas há os olhos!

Os olhos são os mesmos. Até a expressão é a mesma. Embaraçados um tanto. Alheios. E' a mesma saudade. Igual, igual.

Longes, estirados a esmo. Olhando, bem adiante, sentado sôbre uma enormidade de melancolia (transformada em serra, talvez. Talvez a Serra dos Dois Irmãos..., o proprio EU. E um precipício bem fundo dentro deles.

O mesmo que hoje.

Aquele olhar vago. Pintados nele os mesmos desejos de devassar tôdas as coisas azues.

As núvens.

O céu.

O mar.

UMA CARTA

Albérico:

Ontem, as serestas, cheias de lua e de canções de amor, embaladas ao som daquele violão sentido, que eu tocava, ao pé do nosso companheiro constante das noites de sábado, com o corpo torto, talvez de tanto curvar-se para ouvir-nos, — o Gógó da Ema. Naquelas noites deliciosamente frias, em que gastávamos, tão desapegadamente, nossas magras mesadas de estudantes pobres, bebendo, à beira da praia, e adormecendo ao pé daqueles coqueiros...

Ontem, as fugidias imagens do Futuro, que compunhamos, em nossos deveres de Português, cheias de silhuetas de mulheres lindas, de vagabundagens pelo mundo inteiro, de tanta coisa magnífica, e que levavam o nosso bom Professor Bernardes — quanto era bom! por sua bondade, Albérico, o lugar que ele conquistou no meu coração será sempre dele, e, depois que ele morrer, permanecerá sempre vazio — a acusar-nos de ter demasiadas tendências para a matéria e para o gozo... Inesquecíveis, aquelas aulas de Português, do Professor Bernardes!

Ontem, nossas confidencias, pejudas, todas, de preocupações infantís — agora as consideramos assim; porém antes... — de vontades bonitas, perdidas, muitas vezes, na amargura das realidades, de mágoas, de tristezas...

Ontem, nossos debates — como se enchem d'água os meus olhos ao lembrar nossa ingenuidade de idealistas! — sobre os meios mais viáveis de endireitar o mundo e salvar o Universo...

Bons tempos! Sempre que os lembro, dá-me uma vontade medonha de escrever poemas. Sobe-me ao peito a Inspiração. Mas, eu choro e ela vai embora. E nunca escreví um poema sobre aqueles dias!...

E hoje, Albérico? Vinte anos depois daquilo tudo, que somos? Que fazemos?

Hoje, é tudo diferente. Nossa vida não tem mais aquela afinidade estranha, que me fazia sentir o que sentias e te fazia pensar no que eu pensava. Querer as mesmas coisas. Amar as mesmas coisas.

Hoje, somente uma, ou outra carta. Uma visita perdida, em cada ano. Um encontro apressado, pelas ruas. Isto, somente, e mais um laço, que, quando amarra dois corações,

não há quem consiga partir, jamais: uma verdadeira amizade. Somente isto liga, ainda, as nossas vidas.

Hoje: tú, comerciante; eu, poeta.

Tu ganhas dinheiro e o gastas, gozando, talvez, algo do que querias nos deveres de Português. Eu escrevo coisas. Sinto-as e as dou ao povo. Observo-o, depois: ele as lê, rí, às vezes, mas esquece sempre o meu nome. E continuo a sonhar aqueles sonhos impossíveis, que conheceste. Sou, ainda, o menino tolo, que corre atrás das borboletas azues, fascinado pelo matiz de suas azas maravilhosas...

Hoje, talvez os teus sonhos não vão para além dos jardins bem tratados de tua casa elegante. Teus filhos e tuas filhas — corados, radiantes, como se tivessem no rosto pedaços da aurora... Eles são teus sonhos! Deves ser feliz, então, Albérico.

Hoje, como sempre, eu sou um sozinho. E, sozinho, minhas horas deviam ser feitas de vago. Mas — única vantagem, talvez, de eu ser poeta — eu as encho de maravilhosas fantasias, douradas de felicidade, luciluzentes de amor... mas, muito mais ainda, do que aqueles sonhos meus que conheceste!...

Mas, agora, Albérico, vem a mim um outro amigo meu. Vem de longe. Traz com ele, mulher e três filhos — Jorge, Paulo, e Veronica. Esta última tem os olhos tão lindos, quanto somente pode imaginar um poeta, porque vive olhando p'ras estrelas. Tem um geitinho meigo no sorrir, que derrete o coração da gente.

E, por isto, estou preocupado. E' em situações como esta que eu sinto desgosto de ser boêmio: aquele meu amigo vem de longe, porque precisa de alguém, que o ajude. Precisa de mim. Nada tem, agora, e os seus filhos muito dele estão a esperar.

Ele vem de longe. Suas roupas estão batidas da viagem, mas as veste, ainda, porque são as últimas que tem; as outras, vendeu-as para viajar. Que fazer? Hei de deixá-lo voltar para o pó das estradas, somente porque não sou forte o bastante para ampará-lo? Não! Não posso fazer isto. Ele não o faria comigo, tenho certeza.

E que fazer? Enche-me o peito a angústia tremenda de não poder lhe dar o emprêgo que pede. A tristeza inenarrável de dizer-lhe que nada pode esperar de mim.

Assim, envio-te esta, com toda a confiança que em ti deposito. Com toda a crença que tenho em nossa velha amizade, para pedir-te o emprêgo que ele me pede. Vê o que consegues, com o teu prestígio.

Se o conseguires, cinco pares de olhos olhar-te-ão gratos, durante o resto dos teus dias, fora os meus, que já tanto te estima e te devo.

Faze mais este favor ao velho amigo, como naqueles tempos distantes lhe emprestavas, nos dias magros, o dinheiro com que ele levava ao cinema aquela tua prima, Celia, dos olhos grandes de chocolate...

El procura compreender a ansiedade com que espero tua resposta. És, para mim, o que é para o náufrago desesperado a última táboa que sobrou do navio destroçado na tormenta.

Crê nisto e age!

Recebe o abraço grato do teu de sempre

OILE.

recebe

As Primeiras Chuvas

E' noite e a chuva cai pesada e desordenadamente. São as primeiras chuvas do inverno. No céu já não brilham estrelas nem se vê sobre as nuvens o clarão argentino da Lua. Há somente nuvens negras densas e monotonas.

Chegou o inverno! Agora já não há na natureza a mesma beleza e alegria dos dias quentes de verão! Já as arvores não estão tão farfalhantes e os ninhos já não estão tão irrequietos. Já não se ouve o tenue murmurar das fontes e das cachoeiras. Já não se distingue mais o surdo rumor! Até a brisa já perdeu sua suavidade; agora é forte e cortante.

Foram-se os dias do verão! Foram-se as noites bonitas em que tudo parece romantico e em que as estrelas bradam do alto convites ternos ao amor e em que os namorados felizes rendem sensuais homenagens ao deus Eros. Acabou-se tudo isso. Agora chove somente, chove... chove...

O tamborilar unissono das chuvas parece significar algo. Parece haver algo misterioso naquelas luzes tremolinas que, do alto dos postes, cintilam fracamente do outro lado da rua. Sinto frio. Aconchego-me um pouco mais ao agasalho e continuo a observar o... o... mas, o que? Que será que dentro desta noite preguiçosa e triste abstrai tão completamente os meus sentidos? Que me absorve nesta noite tão sombria? Que será?

—Ninguém m'ó diz, ninguém m'ó responde; ninguém sabe!

Ninguém jamais saberá explicar o misterio do fascínio místico que envolve a alma humana nas noites de frio.

ETIQUÊTA

Adormeceu a Avó
e o seu corpo pesa,
desajeitado,
grotesco mesmo,
no braço da cadeira.

Tão magra está ela!
E aqueles olhos fechados
—juro-o— não são aqueles de ontem,
fogosos como os de um gato de noite,
que liam os bilhetes do Avô
e corriam atrás
de um mundo inteiro de sonhos coloridos.

Ah! quem molhou de neve seus cabelos?
Seu rosto tem tantos sulcos...
quem os abriu?
quem retalhou assim a face da Avó?

Pende-lhe a cabeça.
Pudera!
quantas preocupações lhe pesam!
quantas noites de angústia!
quanto sofrimento
lhe dóe na memória!

—Acorde, Avó.
As figuras da velhice
não devem ser desajeitadas,
nem grotescas.
—Acorde, Avó.

SOMBRAS

① Sól no meu rosto
Sentado, queimando...
Olhos fechados,
Lábios silentes,
Mergulhados na Inércia.

Abrem-se-me os olhos:
Ofuscam-se e choram,
E voltam, ardendo,
Ao escuro das incontemplações.
Há sombras em minha alma!

Pingos e Pingos

Pingos dagua no chão;
Frios, irritantes, tristonhos...
Pingos de saudade no meu peito;
Cheios de calor, ardentes, amorosos...

E a chuva continua;
Tremem-me os maxilares.
E aumenta a saudade;
Molham-se-me as palpebras.

Turbilhão: chuva e saudade,
E vontade de rever,
Frêmito de beijar de novo,
Louca esperança de reconstrução!

Vontade de crer no que já foi.
Mais: necessidade,
Por ter medo da estrada só
Dos sem ninguém!

Pingos rareando, à luz do poste;
No céu uma estrela se descobre.
Passam pingos, vêm estrelas,
Vem a Lua. Mas o frio não vai!

30|4|54.

Crepusculo

No fim da tarde.
A primeira estrela.
Piscando — pobrezinha! — tão tímida,
Que dá pena de ver!

Outra... Outras... outras mais...
Saltam todas, lustosas,
Polidas, no meio do céu.
As nuvens, vão dormir.

A tarde vai caindo, no meu coração.
—Tambem os corações têm dias e noites.
Surge a primeira tímida esperança,
E outra, e outras, e outras mais...

Vão dormir as tristezas da vida.
Fecham-se as portas da realidade.
—Um lapis, uma lembrança, um verso...
A noite é do poeta!

30/4/54.

A LONGA ESPERA

(Esboço dramático em um ato)

Personagem: Escrever... mas esta tem sido toda minha vida! Esteril. De louco. Completamente sem sentido. Sem compensação. Sem alívio.

Escrever... devo escrever mais e mais. Vivem a lembrar-me de que preciso escrever. Eu mesmo sinto que preciso escrever. Até cansar... até morrer! (Senta).

(Suavemente:) — “Você resume tudo que sonhei na vida... (*) Não; é pouco para dizer dela. Pobre de mim, que estou ficando ingrato até nas palavras que falo! (entristecido) Coitado de mim! (Fica pensando). — “Você é muito mais do que poderia querer para mim, muito mais”. Assim está melhor. Continuarei. Escreverei para ela esta última página. De adoração. De desespero. (Alucinado) Não! ela não gostava de me ver sofrendo. Não gostava de desespero!! (Pausa) Não. Omitirei as cruces carcomidas e os cemiterios friorentos que povoam meus olhos. Esquecerei por um minuto as aves de rapina. Farei tudo diferente destas coisas de agora. Estes últimos versos para ela serão versos de menino de 16 anos, que só pensava em lírios, em coisas imaculadas, e que só tinha versos para ela. Tenho de escrever como aquele menino de 16 anos! (Pausa. Parece travar um íntimo combate consigo próprio).

Mas como farei isto? E as minhas dores? Onde ocultarei as minhas dores? Onde a flor suave que simbolizará esta dor maior de todas? Que farei destes gritos que se acotovelam na minha garganta, querendo sair às carreiras para jogar-se aos rostos hipócritas dos que me vêm sofrer com um sorriso? Onde? Onde?

Oh! tenho de escrever os versos como ela gostava... Minhas dores? Quanto valem minhas dores? Quase nada; uma lágrima talvez. E meus olhos não são mais capazes de chorar. Ninguém choraria essa lágrima; a Humanidade também já não é capaz de chorar a dôr alheia. Ela se cala diante do sofrimento porque tem medo. Sorri da ingenuidade. Pois que ria! Até não poder mais. Vou mostrar-lhe o mais ingênuo de todos os corações. Um que eu tenho escondido, há muitos anos já, no fundo deste outro que todos conhecem, cheio de espinho, de ruínas calcinadas e fumegantes que entontecem os que

dele ousam chegar perto. Diferente do outro: sem cactus. Sem urtigas. Sem o nauseabundo odor de ilusões decompostas, comidas de vermes. Diferente do outro: sonhando sonhos azues. Sem a sombra dos carros pretos que conduzem caixões pretos de morte. Tendo até um punhado de esperanças. Crendo. Um coração tão ingênuo que é capaz até de crer em alguma coisa...

Escreverei. Ressuscitarei o menino de 16 anos.

(Senta no birô. Escreve devagar).

Subconsciente: Lembranças pintando saudade no escuro. Luz na sombra. Alegria na tristeza dos olhos. Uma lágrima quente que chega à porta dos olhos mas não sai. Figuras bonitas na feiura preta da insônia.

Pedaços de vontades coloridas esmaecendo. Rubores amarelando. Azul ficando branco. Verde ficando branco. Tudo meio nulo. Tudo branco. Velhos pensamentos batendo na cabeça dolorida. Batendo. Batendo...

Uma menina de tranças e olhos castanhos, sorrindo, com aqueles dentes brancos aparecendo nús na tentação vermelha da bôca bem feita. Menina travessa de tranças e olhos castanhos, que lembra tempos diferentes...

Decotes côr de rosa e musica brava. Vinho. Languidez. Olhos semi-fechados acordando remorsos. Remorsos. Vontade de reviver para afugentar aquelas noites. Esconder em noites de estudo aqueles decotes côr de rosa. Remorsos de não poder reviver.

Personagem (Levanta-se com o manuscrito. Declama. Atitudes muito calmas. Suaves).

VOCÊ

Você é muito mais do que poderia querer para mim.
muito mais.

Como eu iria prever tanta felicidade junta?

Sou tão pessimista...

Não seria capaz,
jamais,

de imaginar seus olhos,
escuros assim, como tarde de chuva;

nem sua voz assim morena,
quieta, morna, diferente da vida;

nem suas mãos assim leves;
nem seus lábios assim bondosos,
falando carinhos que encorajam,

que não me deixam de ter medo da Vida,
assim vermelhos,
assim macios,
assim como tanto os amo!

Somente, quando era pequeno,
no tempo que Papai me puxava pela mão,
dei esmola a uma velhinha,
do resto riscado de mazelas,
dos olhos mortiços de solidão,
de sonhos mortos,
esmagados,
que tinha uma voz rouca,
arrastada, que dava pena.
E ela me disse, lá do canto suje da calçada,
que Papai do céu me daria uma vida feliz,
diferente da dela,
e que uma moça
bem bôa e bem linda
gostaria de mim.

—Vamos, filho.
Papai me levou pelo braço
e levei nos olhos
a imagem de uma mocinha
bem bôa e bem linda
que me faria feliz...

Mas eu não sabia que seria assim,
tão bôa e tão bela
quanto você.
Como Papai do céu é bom!

Você é muito mais do que poderia querer para mim,
muito mais!

(Anda um pouco. Aproxima-se do birô. Solta o manuscrito sobre ele, batendo antes nas mãos repetidamente, enquanto fala:)

É... está bem. É como nos velhos tempos das cartas socegadas, das primeiras louras fantasias, períodos apreensivos medrosos de perder a felicidade longe que julgávamos nossa. No tempo daquele mundo diferente que o mundo es-

magou... Como no tempo do primeiro beijo. Como no tempo em que tudo era primavera, o tempo do poeta ingênuo de 16 anos... (Anda pela sala, compassado. Diz a fala que segue. Em momento oportuno cai sentado na poltrona e continua falando.) — E agora? Esperar outra vez. Esperar para escrever. Sofrer para escrever. Escrever para esperar. Sempre! Sempre! a vida inteira assim!... Esperar... esperar...

Que espera diferente da espera daqueles dias! Dias distantes. Quase apagados. Por que será que já não cabe a beleza na minha vida?! Até as lembranças bonitas não querem vir...

Aqueles dias. Um Sol camarada, que nunca era muito quente, ou então, era porque eu não sentia. Aquela espera que era uma angustia gostosa, sentado no mormaço da ponta da calçada. Meia hora. Uma hora desenhando na areia a caricatura do Professor João Firmo, o aeroplano das sextas-feiras o nome dela. Depois ela chegando. Fazendo-me esquecer todas as vinganças programadas. Até as palavras duras ensaiadas para jogar-lhe às faces. Eu, já acostumado a esperar, gostava de vê-la chegar atrasada. Pedir desculpas. Ficar com a carinha vermelha...

(Muda o tom, aborrecimento) Ora! pra que lembrar isto? O que há é esta minha necessidade, este meu destino de viver esperando. Esperar!... esperar.

Esperar indefinidamente, como se esperasse pelo Fim do Mundo, para assistir, escondido numa lata de lixo, à procissão fantasmagórica de todos esses espectros, que fazem questão de estar sempre rondando a minha cabeça, as minhas noites, enfeiando os meus escritos com suas lembranças horroscas. Para ver o Deus dos primeiros tempos, o Jeová que rompeu as aguas do Mar Morto e condenou os que adoravam o bezerro de ouro, com as duras faces vermelhas de cólera, veias querendo rebentar-lhe as temporas, trementes as grandes barbas brancas caídas sobre a túnica branca de uma só malha, a empurrar, truculento, para as chamas do Inferno as almas dos que não foram bons. Dos que não deram de comer a essas pestes humanas que andam pelas esquinas, morrendo de fome. Dos que não deram as roupas velhas, sujas, fedorentas de suor aos miseráveis que não têm roupa e andam por aí aos tropeços, acolhendo sob os andrajes as vaias de todos os moleques. Moleques — gente sem coração! Dá-me vontade de dizer que a Humanidade é um moleque! Quero ver o Jeová das vinganças, o que matou todos os primoge-

nitos do Egito sem ser condenado pela História, como o foi Herodes, quero vê-lo dar um empurrão bem forte naquele velho bigodudo idiota que jogou à cesta do Jornal os meus primeiros versos!

Esperar! esperar... esperar...

Cada minuto que espero torna meu coração ainda mais quente. Meus olhos negam fogo. Minha língua parece queimar o céu da boca. Diabos! Até quando suportarei isto? Oh, Deus! Oh, Deus!... (Cai desesperado na poltrona) (Aos poucos, vai adormecendo).

Subconsciente: — Chega, afinal, o sono do vencido. O sono do vencido é como o sonho de louco. Horrível. Tenebroso.

Cruzes, muitas cruzes pintadas de preto, levantando-se nervosas do fundo de cemiterios que ele não vê. Parecem sair do nada para atormentá-lo.

Covas, como enormes cuscús de milho, marcadas de pés que as visaram, crescem indefinidamente, transformando-se em gigantescas dunas, que vêm povoar as praias friorentas de sua imaginação.

Espectros. Almas penadas correndo de um lado para o outro. Fogos corredores olhando-o do fundo dos pantanos, como grandes olhos encarnados que o assustam. Escorre sangue das bocas dos vampiros. Um lobishomem devora um corpo deformado de vermes. Um grande urubú assiste a tudo, colado, do alto da parêde branca.

Passa correndo um tropel de cavaleiros desenfreados. Derrubando tudo. Quebrando todas as cruzes. Assustando o lobishomem faminto e o urubú gigantesco do cimo da parêde branca.

Faz frio nos pés do vencido. Um frio terrível, como o frio dos pés de um morto. Há frio em sua alma. Não a fianta que ela se encolha. Faz frio em sua alma.

No seu sono de vencido, ele vê agora uma procissão no fim de caixões de defunto. Negros. Vagabundos. Diabólicos.

E vai desfilando o sono do vencido. Faz frio em seus pés. Há frio em sua alma.

(Durante a fala, a sala foi clareando, pouco a pouco. Não há mais penumbra. Está quase tudo muito claro. O relógio marca na parêde 8 e meia. Continua adormecido).

(Batidas à porta. Nervosas. Repetidas. Depois de algum tempo, ele acorda. Fica ouvindo. Grita, descontrolado:)

Espera! Espera! Não viste com quanta paciência eu es-

perei?! (Levanta-se e abre a porta do gabinete. Voz de criada, cheia de indecisão e susto:)

Doutor... são oito e meia. A casa tá cheia de gente. E' bom o senhor descer. Lembre-se de que o enterro sai às nove horas.

Personagem — É... tem razão. Eu vou.

(Volta-se. A porta continua aberta. Vai lentamente até o birô. Apanha os versos. Olha-os demoradamente, como se tivesse pena. Bem lentamente, rasga o papel em pedaços bem pequenos. Amassa-os com força:)

—E' como se esmagasse a minha propria vida...

(Vai à cesta de papel e os deixa cair).

—E agora? Por quem esperarei agora? Não. Não esperarei mais nada. Sei que se acabará. Esta espera foi longa demais para não ser a última. (Pausa).

E'... tudo deve ter-se acabado...

"Você foi muito mais do que poderia querer para mim, muito mais".

FIM

CENARIO

Gabinete de intellectual. Em grande birô, com livros não muito bem arrumados. Uma larga poltrona. Sobre o birô um bonito quebra luz. Porta no lado esquerdo. Personagem aparentando uns 35 anos bem vividos. Em todos os seus me-neios, um pouco de amargura. Despeito para com a Vida. Desanimo. Revolta. Musica sempre que for possivel, principalmente nas vozes do subconsciente.

Musica violenta.

* * *

(*) Da poesia "Você", de Jaime d'Altavila, sobre a qual o autor baseia a "Você", do presente escrito.

Noites na Lagôa

Peça teatral

LOCUTOR (pano fechado. Cortina musical) — Alagoas! Um nome e uma história; uma linda história, em um nome. Cheia de lendas maravilhosas, de realizações difíceis, de sofrimento: uma história cheia de histórias...

Um vilarejo, à beira de uma quieta formação lacustre. Uma vila; uma cidade — o berço de um Estado que começa a crescer para o alto, inundando de anúncios luminosos e desgraciosas construções de cimento as suas cidades.

E aquela lagôa, que conta a história de coisas que mudaram, não mudou. Continua, a mesma de sempre, parda-centa e suave, balouçando prá lá e prá cá...

Ninguém mais a nota, senão a gente pobre e a gente boa que vive às suas margens, nascendo e morrendo às suas margens, como que portadora de um atávico fascínio pelo ondular de suas águas. Que a ama com o mesmo ardor com que a amaram os primeiros alagoanos.

E a velha Manguaba vive relegada a um cantinho romântico, onde, ao anoitecer, vem o Sol mergulhar afogueado. Sozinha, com a sua gente, os **HOMENS DO SURURÚ**.

(Pausa, enquanto a música aumenta de volume. Abre-se o pano, lentamente. Cena: sentado, à porta da cabana, um homem, já envelhecido, aparece, absorto. Trajes típicos).

LOCUTOR, continua — Olhem-los: são simplesmente homens pobres. Nada há, neles, de característico. Não... talvez haja: o chapéu de palha, meio desfiado nas abas, as calças arregaçadas aos joelhos, o olhar desalentado, e sempre vazio... a não ser quando cheio de tristeza, ou de fome.

O Homem da Lagôa é assim: tem a simplicidade correndo nas veias, a acotovelar-se com micróbios e doenças que os doutores nomeiam esquisitamente e cobardemente se recusam a tratar... Seu nome é Mané Romão, Bui da Venda, ou Tonho Canoeiro, e ele tem o tipo exato do homem brasileiro: é ignorante, é sincero, é másculo.

E o mais alagoano, e o mais estóico dos alagoanos, esse tal de Homem da Lagôa!

(Pausa. Música mais alta. O homem se levanta e anda pelo palco).

LOCUTOR (continua) — Ele é o Tonho Canoeiro.

Muitos e muitos anos pesam em suas costas, vividos in-

teirinhas à beira da Manguaba. Olhando-a e querendo-a. Vivendo dela e somente para ela.

Milhares de vezes ele viu o Sol subir e descer, pelo céu, afora, para cair, num turbilhão de púrpura, lá por detraz do sítio do Dr. Desembargador.

Já milhares de noites, varadas de violas e arrepiadas de historias de mal-assombro, passaram por sua vida. E já vai longe o tempo bom em que ele arrastava os pés, alegremente, nas gandaias da Rua da Linha... Puxa! quanto ele já viveu!

Agora, depois de tantos anos, com a lembrança de tanta "missa do galo", de tanto "Reizado" bonito, de tanto "Pastoril", sente-se cansado. Depois de tudo isto, que foi sua mocidade, somente lhe restam o seu Zeca e a sua Rosinha.

A Rosinha bonita, da pele trigueira e dos olhos de gato ladrão de banha...

O Zeca, caboclo forte, que rema como ninguem, que é macho pra homem nenhum botar defeito; que é bem filho do Tonho Canoeiro!

E a velha Maria, a velha esposa, ele também tem. Ela — coitada! está ainda mais velha do que ele. Nem parece mais cabroxa Maria, que dansava o ritmo zangado do "Côco" como quem tem no couro o fôgo de Satanás...

(Se possível, ilustração musical característica, para as falas do Locutor).

TONHO — Rosinha! Ô Rosinha! Vem cá pra fora vê a Lua. Óia qui moça qui num gosta de Lua Cheia num casa...

ROSA (de dentro da cabana) — Pera um tiquinho, Pai. Tô passando u ferro na carça nova du Zezinho, qui vai amanhã pr'u casamento du Chico Matia. Vô já pr'aí.

TONHO (monologando absorto) — Como é bom sê moço! Quando termina a pescaria a gente nem sente doê as costas, i tem inté corage pra dansá!

LOCUTOR (aproveitando a pausa) — Ter um filho homem. Jovem como já foi jovem, pirata como já foi pirata, tempos atraz... Ter um filho homem, desses bem duros de roer, desses bem queridos pela moçada... bem roubador de coração de moça!

Sorri...

TONHO — Ô Rosa! dêxe tudo pr'amanhã. Dêxe qui amanhã você passa as carça daquele comilão de baton. U q'eu garanto é qui ele num perde a festa, di jeito ninhum, u safado...

ROSA (chegando a ele) — Pronto, Paizinho. Mãe ficô

terminando di passá u terno. (Vai apanhar um banco, em casa). (Senta). Pur que será qui u Zequinha num vem logo? Tô doida qui ele chegue; tenho um recado "big" pra dá a ele, qui a Liquinha mandô...

TONHO (desconfiado) — Ai, ai, ai... q'eu num tô indn nessa tapia! Tô vendo a tua carinha, viu? Você pensa q'eu num sei du seu chamêgo pr'us lado daquele amarelo papaterra, irmão dela, n'é? — Home, eu tumara vê você cum ele! E' nesse dia q'eu mando u Zeca fazê um sirviço...

Rcsinha: eu cunheço us home. Faiz cinquenta i três ano qui sô home; sei quando eles qué u negoço direito, i quando qué somente chumbregá as moças alêia. Aquele cabra é um sabidão, num qué nada direito; num presta, a gente vê nus ôio dele. Ai da muié qui fô na sua cantada!

ROSA (com degues) — Num é! num é!... pronto! E' tudo mintira das dona qui ele não dá bola i dus hnme qui num topa cum ele... isto sim!

ZECA, entra assoviando — A bença, Pai? Upa... u murro di hoje foi drobado!

TONHO — Deu alguma coisa?

ZECA — Quase nada. Deu foi um bolo medonho: u Fiscá du Governo andô pur lá pela Balança, i u negoço foi pêia! Qui foi isso, mana? andô chorando? Tais cum uma cara di quem cumeu i num gostou...

ROSA — Não; num foi nada, não. Adespois eu tenho inté uma coisa pra ti dizê. (Sai cerna).

ZECA — Apois bem, Pai, u tal du bêsta chegô lá, todo mitido a arrochado, querendo metê a mão in tudo, futucando nas gamelas di tôdo mundo, dizendo qui ia murtá todo mundo, qui tava tudo acima da tabela...

U bixiguento falava cuma si aquilo fosse dele, cuma si num subesse das hora qui a gente passa den'da lama, pra pescá aquelas porquêra!

Mais dessa vez ele quase si atola! Foi dá voto na gamela du Zé Cirço — qui o bagre num tava den'da tabela, qui aquele preço era rôbálhêra, cocorêu, bico de pata...

U Zé, qui já tava meio impilhado da vida, iscurraçô mesmo; mandô ele prás fava, disse qui ladrão era u maivado du pai dele... pintô as droga! I deu um trabaio danado pra gente cunvecê ele di num arracá-le u fato, ali mesmo.

TONHO — Nus dias di hojem meu fio, é preciso tê carma. Num sei onde nois vai batê, nessa pisada. Us home di cima num querem dêxá a gente vivê! Isso aqui só vai cum

uma revolução bem grande, pra gente insiná a eles u caminho du bom vivê.

Ora! todo santo dia aumenta u preço das coisa: um dia, u feijão, ôtro, u arroiz, a farinha... todo dia! Agora isso esses fiscá mardito num vê. Us deputado i us governo tam-bem num vê. Só quem vê semo nós.

Mais, quando a gente qué aumentá quinhento réis nu litro du sururú, todo mundo grita, todo mundo vem chamá a gente de ladrão, todo mundo qué murtá, qué prendê, qué dá pisa!

ZECA — Apois bem, Fai...

LOCUTOR, interrompendo — E' assim, lá pr'os lados da beira da lagôa. Apertos e mais apertos.

O comerciante aumenta o preço da farinha, do feijão, do açúcar, do querozene... Ninguem fala. Ninguem grita. Ninguem procura conter-lhe a usura.

Pudera! se ele, quando quer aumentar seus preços, tem dinheiro suficiente para dar "bolas", se tem prestígio bastante para almoçar em lautos banquetes e chamar o Governador 'de "Você" — quem vai contrariá-lo? Quem vai querer aborrecê-lo, somente para atender aos rogos de uma massa de gente sem prestígio, sem dinheiro, sem nada, que se chama povo?

Mas, se o pescador quer aumentar seus magros cinquenta centavos!... é um absurdo! não se pode consentir isto! onde estão as autoridades, que não o prendem, não o mandam matar, para que deixe de explorar a Humanidade?! é crime de lesa-democracia! é perturbar a economia interna do País!

Como?? Por que, com somente oito horas de trabalho, dentro da lama e dentro da noite, picado por mosquitos, perseguido pela lembrança dos quatro filhos que esperam o de comer, ele quer ganhar cinquenta centavos a mais? Por que?

Somente porque, vendendo pelo preço antigo, não poderá mais comprar, sequer, os dois cadernos para copiar pontos que a Profa. D. Vera disse a Zefinha que levasse para o Grupo, na proxima segunda feira?

Só por estas pequenas coisas ele quer lucrar um pouco mais de trinta cruzjeiros por dia?

Ora... ora... um deputado, um homem ilustre, um mandatario do povo, que tem obrigação de ir às condecorações dos generais, às posses dos ministros, aos banquetes das inaugurações, ganha, somente... somente, uns novecentos cruzeiros por dia!...

Mas, é assim, lá pr'os lados da lagôa. E' a falta de com-

preensão, o desconhecimento completo do que possa chamar-se Solidariedade Humana, a exploração do homem, abrindo o caminho para as tragédias, semeando discordias.

Campeiam problemas irresolvidos. Com estes, o descontentamento, o desespero. E, quando surgem os aproveitadores e os demagôgos, tudo lhes é fácil, tão fácil como tomar um copo d'água...

DR. LUIZ, entretanto — Então, como se vive por aqui, Tonho Velho?

TONHO — Ah, Dôtô... vivendo cuma us pobe vive: mais pra lá du qui pra cá...

DR. LUIZ — E'... eu também voi indo.. Poderia ir bem melhor, é certo, se me preocupasse menos com os problemas do nosso povo... Mas, eles são tantos, e tão poucos são os que por ele se interessam!

E você, hein Zeca? Como vai o namôro com a filha do Porfirio? Falaram-me que vocês têm um amor "roxo"...

ZECA — Bem... é... mais... qui nada, Dôtô! é tudo buato, Inté qui tudo si acabô faiz bem duas semana!

DR. LUIZ — Ah! Mas isto não demora muito, que eu sei, qualquer dia destes você estão outra vez se olhando pelos cantos dos olhos... Você pensa que a gente não nota logo a saudade que você sente, a vontade que tem, de repetir uns cheirinhos naquela cabecinha morena? Todo mundo nota em você a presença dela... no coração.

ZECA — Qui nada! tudo isso é bunito. Com a licença du Dôtô e di Pai, um chêrinho na cabeça da Rita é mesmo bem gostoso!... Mais, infelizmente, nem mi alembro mais dela. Tarvez u Dôtô note a presença dela, mais é nu meu cinturão, qui foi ela qui mi deu di presente...

DR. LUIZ, indo — Pirata! Mas... hein, Tonho, pode-se contar com a presença da família, à reunião de sexta feira proxima? Vai ser mesmo na séde provisoria, a casa grande do sítio do Barros. Temos muita coisa a discutir.

TONHO — Zeca, sexta fêra, di noite, nem você pesca, nem namora. Intendeu? Todo mundo daqui di casa vai pra reunião do Dôtô.

Pode cuntá cum nós, Dôtô; aqui nois semo pôco, mais semo di verdade. E' mesmo às oito, num é?

DR. LUIZ — Isto mesmo. Conto com vocês sempre, porque são das poucas pessoas direitas que há, atualmente, nesta terra.

Vou andando, minha gente. Se tivesse mais tempo, entrava um pouco, para conversar alguma coisa com a Rosinha

e a D. Maria, mas ainda tenho de avisar a muita gente.

As oito, hein? Zeca: abraça a Mana e recomende-me à Senhora sua mãe. Até outra vista, minha gente.

TONHO E ZECA — Té mais. Té mais, Dôtô.

ZECA — Tá vendo, Pai? — Esse Dôtô, sim qui é home mesmo. Mais o resto dessa canáia de ané nu dêdo, qui vive cheia da grana, sem pensá nus qui num tem nada nu mundo... ah, canáia bôa de levá surra!

LOCUTOR — E' sempre assim. O demagôgo anda de casa em casa, vestindo-se todo de Fraternidade, falando em resolver problemas, acenando com a esperança de uma vida melhor. Sabe um pouquinho da vida privada de cada família. Explora as pequenas vaidades daquela gente. Explora a miseria alheia, concitando a todos para lutar por objetivos bem distantes dos que apregôa, jogando homens contra homens. E o pior é que todos o admiram e o estimam, como a um salvador, como a um **HOMEM DE VERDADE!**

(Música violenta)

ATO II

Ambiente: quarto de casebre, com janela ao lado — **Cena:** Penumbra — Numa rêde, a um canto, o Tonho Canoeiro — **Fala o Locutor, com música de cortina — Prossegue a ação, com o maior número possível de quadros ilustrativos**

LOCUTOR (ouve-se música) — Todos dormem. Tudo está escuro. Quietos. Tudo é uma mudez triste de cansaço e de sono. Vaga pelo ar o cheiro da lagôa.

Tudo é suave tristeza de escuro. Somente no negro fundo da noite há luzes, uma linda festa de contilações:

estrelas, piscantes e fugidias, parecem milhares de olhos azues;

bonita, como a Felicidade, uma lua escorrega, céus abai-xe, a escada da madrugada;

a brisa murmura aos ouvidos das velas adormecidas.

Todos dormem. Todos, menos o velho Tonho Canoeira.

(Pausa. Alteia-se a música).

(Continua o Locutor) — Seu quarto: pequeno demais, para conter tanta inquietação. Seu coração: já por demais cansado, para suportar tamanha angústia. Seus olhos: anuviados, como os olhos dos que se desesperam, correm atrás da escuridão, pensando... revendo...

ILUSTRAÇÃO CÊNICA — (Crianças entram, discutindo) — Matei sua chímbra!

Passa pra cá a cartêra, logo...

—Num matô; sorta minha camisa, Zé Bêsta! Você só feiz triscá, nem istralô... (Vão saindo do palco, insensivelmente, enquanto fala o Locutor)

LOCUTOR — Assim as tardes de sua infancia. Não tão lírica quanto a infancia do poeta que lembrava tardes cheias de sonhos e de flores, que os anos tinham levado, mas sempre com o colorido encantado das primeiras emoções.

TONHO (falando absorvido em lembranças) — Sim, eu gosto di lembrá meus dia di minino. E' sempre tão bom a gente arrecordá...

Aquelas manhã cheia di terra quente, queimando meus péis, enquanto eu gritava pelas rua, aquí i aculá: (voz de criança, de fora do palco:) "óia u sururú fresco!"

Aquelas tarde intêrinha di chimbra, inté à hora di dispicá u pescado...

Sinto tanto aquilo tudo!

Nu meu coração..

Nus meus óio...

I inté nus meus uvido, qui vive cheio dus grito du véio meu pai: (voz forte, de fora do palco:) "ói a imbromação, seu Tonho!"...

Ah, meu pai! véio bom danado... Eu só quiria sê um pai tão bom cuma tu foi! Cuma mi alembro di tu!:

tuas costa larga,

teu carate liso di home honesto,

teu sorriso aberto di home bom.

(pausa ligeira)

(Continua): Adespois, eu ficanda home, passando as noites na lagôa. Remando a canôa pur cima du zéu, qui se deitava na flô dágua... Embaçando u ispêio das agua cum a sombra das vela branquinha, cehia di remendo... Uvindo as histora da Caipora i da Mãe Dágua, qui meu pai contava, pela a-dento. Contando as intrêla na água, pra vê si nacia verruga...

... I as dansa, i as batucada das noite di sábo, onde as moça pegava fôgo e tocava fôgo na gente, co'us óio!

Aquele São João — u maio da minha vida!

us valão subindo... subindo...

as bomba papocando i inchendo tudo di fumaça di pólvra...

u nêgo Raimundo — cabra da arma di ôro — chorando na sanfona!

Eu já gostava dela. Quando via ela, u coração subia pelo pescoço, e só num sartava fora purque inganchava nu gógó.

I, quando ela mi via — home, eu posso tá inganado, mais eu penso qui ela arrimichia mais cum as cadêra...

Apois bem. Chamei ela i'garreia a cunversá. Puxei pela mão i ela veio. Fumo pr'u terraço.

Apalestrei, apalestrei... dei um bêjo nela, ôtro, ôtro... Minha cara já tava cum chôro danado di pó di arroiz.

Maria, voz domente! Sorta, Tonho. Sorta minha cintura. Aquí num pode sê assim. Ta todo mundo vendo...

Era mintira. Ninguem tava oiando. Nem siqué tinha ninguem pur perto. Somente us coquêro, lá di riba, oiava pra nois i cuchichava...

Nois saimo. Abraçado i felizes. U vento sacudia us câbêlo dela na minha cara i eu num cançava de dá chêro neles.

Eu tava doido! doido di amô... Eu só, não; nois tava.

(Continua): Eu tinha prometido qui casava. Um meis adespois, casei mesmo.

Daí pra cá, a vida tem sido um tabaião medonho: nace fio morre fio; nace fio...

I agora, já véio, só mi resta saudade. Saudade, i uma tristeza bem grande; num pudê, adespois di tanta luta, dêxá nenhuma garantia pr'us meus fio, pra minha fia, principarmente. I isto mi dá um mêdo horrive di morrê. Mêdo qui minha fia si perca i qui meu fio dê pr'u qui num presta.

* * *

Agora, porem, não somente ele está acordado. Num outro quarto, lá no fundo do seu casebre...

(Pancadas leves, na porta)

N.B. — Na cena seguindo, somente se ouvem vozes, em murmurio.

ROSA, voz: Joãozinho! Pensei qui tu num viesse mais. Mi dá um bêjo, meu bem. Entre, pule a janela.

JOÃOZINHO: Não, Rosa. Hoje eu num posso. Passei pur aqui só pur passá. Ôtro dia eu apareço. Tá certo?

ROSA: Joãozinho, entre, meu bem. Nois percisa cunversá. Venha, entre...

JOÃOZINHO: Néca, Rosa, hoje néca de entrá.

ROSA: Mais é preciso, Joãozinho. Eu... eu... nois percisa casá! iMnha famia nem siqué dêxa eu falá in você, i eu estô mi sintindo cada veiz pió. Já dei pra vumitá... vivo cum a cabeça istorando di dô... Joãozinho, nois pricisa casá logo, antes qui Pai discubra tudo i mate logo nois dois, di uma veiz.

JOÃOZINHO: Mais, Rosa, nós pricisa tê juizo. Eu num

posso casá agora. Você sabe, muié num é coisa qui si sorte nu pasto... famia num si sustenta cum casca de jaca...

ROSA: Pra tudo tem jeito num undo, Joãozinho. I nois divia tê pensado nisso era antes, i não agora. Você num prometeu qui mi levava pru Sertão, qui nois ia morá nu engenho não sei di quem?... Num mi dizia qui pricisava mesmo d'uma muié cuidadosa, qui cuidasse da sua roupa, i tudo?... A hora é essa. Si tu quisé eu vô imhora agora mesmo cum você. Qué?

JOÃOZINHO: Tenha carma, Rozinha, tenha carma. Num si incomode; prepare as trouxa, qui amanhã, adespois da sessão do Dôtô, pur esta mesma hora, eu venho ti buscá. Ta certo?

Agora já vô.

ROSA: Ispere, Joãozinho, fique um bucadinho cumigo. Gosto tanto di falá cum você, i você é tão ingrato. Pur que tu nunca mais apariceu, hein? Num mi diga qui num gosta mais di mim...

JOÃOZINHO: Dexe disso, Rosa. Tu não sabe qui eu gosto?! Agora eu num posso é tá todo dia pur baxo das janela alêia...

Vô indo. Amanhã nois foge pr'u Interiô. Adeuzinho, Rosa.

ROSA: Adeus, não; té manhã...

(MUSICA).

ATO III

Ambiente: o mesmo do ato anterior
Cena: noite. Palestram Tonho e Rosa.

ROSA — Paizinho, diga uma coisa: quantos anos tinha mamãe, quando casô cum u sinhô?

TONHO — Ora... ora... home! Você tem cada uma! Qui diabo é qui você qué sabê cum isso? Num mi diga quo tá pensando in casá...

ROSA — Não, Pai, eu somente quiria sabê... vamo, diga.

TONHO — Bem, bem. Vamo vê: na verdade, ela era mais ô meno da tua idade quando casemo. (E, em tom de abstração) Ah! mais era ôtra coisa! U rosto, não, inté parecido cu mu teu. Mais u modo di andá...

U jeitinho dos oio...

Aqueles cabêlo, qui u vento sacudia... isto tudo era diferente! Tão diferente!

ROSA — Conte, Paizinho, conte cuma vocês si cunheçêra, cuma naceu u amô di vocês dois. Conte... (suplica mansamente)

TONHO abstraído — Rosinha, num martrate u coração du teu pai. Para que você qué mexê nas einza du qui já passô?

A sádade, Rosinha, é a pió das duença du home. Ele vive, vive... num liga pr'as coisa qui passa, a num sô quando já fôro imhora. Aí é qui ele vê as filicidade qui teve sem sintí, i qué carrê atraiz dela, ôtra veiz. Mais é tarde! tudo fica semente numa correa de lóco, in recó da propria vida, pelas ano a-fera.

ROSA — Eu sô muito feia, num sô, Pai? Toda veiz qui u sinhô cumpara eu cum Mão fica tão assim. mi ispia cum uns cio tão triste!

TONHO (vivo e confuso) — Assim, cuma, Rosinha? Oxente! Si tu fossa feia num pudia sê fia de tua mãe. Tu i bunita cuma tua mãe foi. Tarvez inté mais. Agora, a verdade é qui ela era muito mais cheia di nó pelas costa, mui o mais muié.

(Volta-lhe o ar de abstração) Quando ela passava, di noite, pela carçada da rua, pra lá i pra cá, us cabra todinho ficava di ôio duro pr'u lado deia. I era mesmo bunita di vê: as cadêra dela rebolava, macia cuma uma gata manhosa, i aquelas perna grossa da có di canela passava bem perto, divagá, bem cumpassada, disacatando a gente...

Passava todas três — ela i as duas irmã cherosa, vistinha, todas elas, di chita cô-de-rosa, si rindo, ispiando pra gente i cuchichando...

Di veiz in quando ela aparicia c'uma flô na cabeça — eu acho qui só pra cunfundí a getne, qui num sabia quá das dua achá mais bunita! I inté us qui num gostava di flô tinha vontade di disfoiá aquelas, só de bêjo!...

ROSA — Ó Pai: i foi u sinhô u primeiro namorado dela?

TONHO, chateado — Oxente! qui coisa!... eu... mais... afiná, qui diabo é qui qué sabê, minina?? Você... é mió i trata di sua vida, i...

ZECA (entra interrompendo) — Ora, minha gente! A bença, Pai? Qu'é qui há, buneca?

TONHO — Deus ti abençõe, meu fio. Então, vendeu minha pesca?

ZECA (desembolsando o dinheiro) — Home, inté qui u negocio foi bom, danado! Cuma u sinhô conseguiu pegá tanta coisa, Pai? Foi quase u drupo du qui arranjei. (vai saindo)

(Volta-se) — Sim, eu ia isquecendo: o seu Pêdo, ser-ralhêro, mandô pagá esse dinhêro ao sinhô. Foi u qui ele tu-mô emprestado tern'ont'onte, na sexta fêra da reunião. Mandô dizê qui muito obrigado.

U home tava cheio da gaita. Eu acho qui ele acabô aquele sirviço da casa du Dôtô Disimbargadô. Deve tê custado um bucado.

ROSA — Quá é u seu Pêdo? o pai da Liquinha, é?

ZECA, brincalhão — Isto mesmo. Ô, por ôtra, u pai du tal du Jãozinho, aquele qui andava tôdo arribitado pr'u seu lado. Era isso qui tu quiria sabê... hein, bichinha?

TONHO — Rosa, Rosa! Tu sabe q'eu num vô cum aquele cabra. Eu num já ti disse pra você baxá u fogo? Ti arrenega du cão, qui já'tô perdendo a paciência!

ZECA — Não, não. Jãozinho num vai dá mais trabáio, Pai. Parece qui caiu fora daqui. Desde quinta fêra qui desapareceu, i nunca mais ninguem viu ele na Balança. Tavam falando, lá na venda du Bíu, qui ele tinha ido pr'u Sertão. Eu acho qui ele andô fazendo arguma armada i arguem qué dá um cafuné nele, purisso ele caiu fora...

ROSA (receiosa e incrédula) — Foi nada... tu ta é brincando... num é?

TONHO (violento) — Rosa! isso não é da tua conta. Si foi, foi; você num tem nada cum isso. Vá já pra dento!

ROSA (desesperada) — Num vô! Num vô! Num vô!! E' mentira: ele num foi; num pode tê ido! Num pode! (cri-se de nervos) num pode!

TONHO, (como os outros, completamente surpreso) — U quê? Qu'é qui tu tá dizendo, home? (com raiva) Arripita! Diga tantinho assim, mais, qu'eu quero quebrá-le u fucinho! Vamo, diga!

ROSA — Digo! Digo! Pode mi matá, mais eu digo! Pronto!

ZECA — Rosinha!... (admiraço)

TONHO (completamente fora de si) — Tome! (bate no resto de Rosa) Tome!

ZECA — Pai!! (segura-o)

MARIA (entretanto, aflita) — Qui foi isso? Qui é isso, minha gente?? Rosinha, minha fia, qu'é qui tu tem? qui choro é esse? Qui foi, Zeca, qui assuscedeu?

TONHO (senta-se, deprimido) — Num posso mais... inté us fio, meu Deus! Inté us fio!...

ZECA (acabrunhado) — Num sei, Mamãe. Há coisas qui u home num entende; essas coisa sempre é ruim pra ele. Mais há coisas — essas ainda é piô — qui ele tem mêdo di entendê. Num sei, Mãe, porque é esse negoço todo, i tô cum muito mêdo di sabê, muito mêdo!

TONHO, (ansioso, em voz terna) — Discurpe, Rosinha; eu fiquei doido. Mais diga, pelo amô di Deus, purque você feiz isto.

Pur que, Rosinha? Pur que você feiz esse chamêgo todô?

ROSA (em pranto convulso) — Não... não... num foi! num pode tê ido!

MARIA (precurando amparar Rosa) — Dêxe a minina in páiz, Tonho. Adespois nós fala. (Sai com Rosa).

(Tonho senta em um banco e Zeca, defronte, em outro) (Silenciam ambos, refletindo acabrunhados. Pausa).

ZECA (com ar de consóio) — Carma, Pai. Num si afobe, não, qui isso é alguma tolice di minina. Tarvez ela teia apaxonada. U sinhô num si lembra du namoro dela cum u Zé Carlo? Foi quase a mesma coisa. Já tô meio acostumado cum isso. — Tôda veiz qui us negoço fica ruim elas dá pra ficá doida. Muié é um bicho muito bêsta...

TONHO, (pesaroso) — I eu sei, meu ffo?! Deus quêra qui sim: qui tudo num passe d'uma tolice. Mais eu tô disconfiado.

Faiz umas duas semana qui eu vejo a Rosinha diferente...: nunca mais ficô, quando nois cunversava, oiando pra gente, fitando, di ôio gelado, cuma quem qué aduvinhá u qui a gente vai dizê... nunca mais ela deu daquelas risada gostosa, qui eu num gostava, purque era iscandalosa dimais...

Tem tado toda quieta, pelos canto, — amarela, qui nem sururú! — só cunversando bestêra... pergutando maluquice à gente.

Nesse tempo todo, meu coração tem andado cheio di má-gua. Uma mágua dolorosa, uma tristeza isquisita, qui num sei dadonde vem, cuma si alguma coisa ruin tá pra acuntecê. Diz pur aí qui coração de pai aduvinha...

(Pausa. Quedam os dois em silencio).

LOCUTOR: E toda a casinha parecia chorar.

O choro da Rosa, lá no quartinho de traz, escapulia pela janela, misturando-se aos outros soluços que a noite chorava.

Com uma docilidade bem propria do amor de mães, uma voz murmurava palavras de conforto.

Dois corações de homem pensavam e sofriam, fazendo um barulho renitente como o trilar dos grilos, que furava o silencio triste das sombras.

Minutos e minutos assim. Arrastados. Lentos. Penosos. Como se fossem feitos de uma infinidade de segundos.

MARIA, entrando, fala calmamente: Vá mais pra lá, Tonho. (Senta) Meu filho, saia desta sala. (Sai Zeca) Agora, vamo cunversá. (Toma a mão de Tonho, carinhosamente) (Música em cortina).

(CONTINUA): Tonho, tu ti alembra cuma nós namoramo? Us bêjo qui tu dava, si pindurando nus meu beijo...? I aqueles abraço, capáiz di machucá inté meus pensamentos?

—Quando a gente fáiz as coisa — n'é, Tonho? — tudo tá certo, tudo é direito. Somente quando a gente vê us ôtro fazê é qui acha feio, num é? 'Tudo qui us ôtro fáiz é sen-vergonheza, é cachorrada — a gente num si alembra qui já fêiz, ô tem muita vontade di fazê aquilo mesmo, n'é, Tonho?

Pur inxemplo: tu arrecorda aquela noite di São Jão, cheia di coisa bunita, quando eu... quando nós...

TONHO, acabrunhado: Eu sei, Nêga, eu mi alembro. Quem pode isquecê uma coisa daquela? Mais num fale nisso agora. E' mió nós í durmí. (Procura levantar-se. Segura-o Maria).

MARIA — Não, Tonho, num é mió nós í durmí. Nós precisa cunversá.

Eu sei purquê tu num qué falá esse assunto: a gente num gosta di falá das coisa qui fáiz duê a conciencia. Mais nós precisa cunversá.

Num si inquiete cum isso não. Num tô passando nada na sua venta. Quiria somente mostrá a você qui tôdo mundo fáiz bestêra, i qui, purisso mesmo, ninguem pode jurgá us ôtro, cuma si fosse santo. Quiria mostrá a você, principarmente, qui u amô é cégo, é errado, é doido. Qui, quando a gente ama, a gente fáiz u qui num qué, a gente sente u qui num d'via sintí. Qui culpa tem a pessoa, si isso é assim mesmo, desde qui u home si intende di home?

TONHO — Eu num tô intendendo nada disso. Pur favô, num mi turture mais.

MARIA — Não, Tonho, você tem de uví tudo. Tudo. I, antes di sabê, tem di aprendê a cumprendê as coisa.

Óia, Tonho: a Rosinha é minha e é sua. Fáiz dizessete ano qui nós sofre quando ela sofre i fica alegre quando ela tá alegre.

Tu ti alembra quando ela tinha "puxado", novinha? Quando tu vivia pidindo dinhêro imprestado pra cumprá remédio, i eu, muitas vêiz, acordava di noite, pra chupá o catarro das venta dela, pra vê se a bichinha pudia rispírá?

Apóis bem, nós sintimo suas tristeza, suas duença, suas algria, tudo, tudo, somente porque ela é um bucado du nosso sangue, um pedaço di carne feito da carne da gente.

TONHO, completamente impaciente: Maria, afiná, u qué qui tu qué dizê? Diga logo, pur amô di Deus!

MARIA, calma — Si acarme, Tonho. Eu quero qui você si alembre qui as marvadeza qui tu fizé cum Rosa fáiz tam-bem cumigo, cum Zeca, cum você mesmo, cum tôdo mundo dessa casa.

TONHO, levanta-se desesperado, segurando-a brutalmente — Vamo! diga logo isso, sinão eu fico doido! Diga logo essa merda, antes qui eu num aguento mais!!

MARIA, tímida — Eu... eu... (pausa. Ela está cruciante. Titubêia. Cria forças, afinal:) Tonho: eu quiria dizê a você qui u Jãozinho fêiz cum a Rosa u qui você fêiz cumigo, naquela noite di S. Jão.

TONHO, violento — Não!! Não! (incrédulo e temeroso:) Não... num é pussive! Meu Deus... (abatido, como que dizendo sem sentir:) Vou matá-lus... (Violento, de novo:) Vô matá tôdos dois! Dois cachorro! Dois sen-vergonha!! (Sai, meio louco, pra dentro).

MARIA, aflita e sem forças — Tonho!... Tonhinho, meu fio, dêxe disso! Tonho! Tonho... (Segura-se ao seu braço e sai correndo atraz dele, enquanto ele a empurra brutalmente).

VOZ DE TONHO — Abra esta porta, rapariga! (Gritos violentos) Abra sinão eu arrombo ela i ti mato de páu! (Encontrões à porta, que fica prestes a ceder) Abra! Abra, sem vergonha!

MARIA: Zeca, ô Zeca! (Gritando) Socorro, Zeca! Sigura teu pai aqui, pelo amô de Deus!

Tonho: pelas cinco chaga di Jesús Cristo! Pur tudo qui é sagrado, Tonho!

TONHO: Sai, muié! Vai a vida! — Abra, cachorra ruim!

ZECA: (passa pelo quarto, correndo. Voz, de lá de dentro): Paí, u sinhô num sabe u qui ta fazendo!

MARIA: sigure ele, meu fio... (cansada) sigure, q'eu num posso mais...

VOZ DE ZECA: Venha cá, Pai. Qui é isso? Venha mi dizê, venha...

(Entram os dois)

TONHO: (Senta, desanimado) — Meu fio, tua irmã é uma perdida. Uma muié da vida. Uma muié qui num tem

u direito de vivê, purque disonró u meu nome i u teu... Cuma é q eu posso ficá carmo. meu fio? Cuma??

ZECA: Pai, qué dizé qui Rosinha... Rosinha... (soluco)

TONHO, Irancamente: Sim... é verdade. (violento):
Mais você vai vê. meu fio. ela num entra nessa casa ma.s,
quanto eu vivê. Nunca mais...

MARIA, entrando. Fala indignada: — Tonho! você t m corage di dizé isso cum tua propria fia? Tu num tem corage tambem di mi butá pra fora? Vamo, ôiga qui tem! Mi lite pra fora tambem!

TONHO, agoniado: Ô Maria! Ô Maria. vá lá pra dentro, pelo amô di Deus! Num basta u qui já sofrí hoje?

MARIA: Tonho: tu num tem mêdo dus castigo di Deus? Si tu butá Rosinha pra fora di casa, tu e u mais desgraçado dus Home. Ela num tem curpa di sê muiê, i muiê num tem curpa di sê tão bêsta pra acriditá in cunversa di home. I sabe di uma coisa você é u curpado di tudo.

TONHO: Mais...

MARIA: Sim, sinhô. Si tu tivesse dechado ela namorá circêto, num tinha acuntecido isso. Você num dexô...

I agora, si você butá ela pra fora, pra donde ela vai? Pra Rua das Caêra?

Tu qué, Tonho, vê tua fia cheia di duença, pôde di ferida. iscorrendo puz pur todo canto? Qué vê tua fia andando di mão in mão, nu meio daquela gente infiliz? E' assim qui tu qué vê a Rosinha qui até um dia desse durnia nus teus braço?

Tonho: o má já tá feito. Agora num há mais remçdio. Isso vai passando. Adespois, aparece algum rapaiz direito i casa cum ela i, ta tudo acabado.

Vô buscá a Rosinha, pra tumá a bença a você.

(emocionados — Tonho e Zeca)

(Pausa)

ZECA, com palavras medidas, calmas: Vô saí, Pai. Vô atraiz daquele cachorro, ô eu vorto pra cadeia, ô pr'u cimiterio.

TONHO: Dêxe isso, meu fio. E' uma bestêra. Você vai é acabá di desgraçá tudo...

ZECA: Não, Pai; quero í, i vô. Num há mais jeito. Sua bença?

TONHO: Deus ti acumpanhe, meu fio. Deus tome conta di tua vida! (ZECA sai).

MARIA, entrando: Tonho! Tonho! A Rosa desapareceu.

Pulô pela janela! Vá buscá-la, Tonho, pelo leite qui você mamô!

(Tonho sai e ela fica, sentada a um canto, soluçando)

Maria, entre soluços: Ô meus fio! Ô meu Deus! qui será de mim??...

(Musica)

LOCUTOR: O que será da velha Maria;

Depois de tudo isto, que restará do velho Tonho Canoeiro? Que será feito dos anos que suou, no meio da lagôa, para construí-lo?

NADA. Simplesmente, nada. Tudo se acabará. Tolas as suas mínguadas felicidades acabaram de mergulhar na lama da lagôa. Numa lama que bem poderia representar o descaso dos poderosos pelos humildes. A falta de equilíbrio social, economico, e até mesmo humano, da situação a que foi levado o Brasil de erro em erro, na interpretação do seu regime.

A falta de educação, a falta de proteção judicial, e tantas outras faltas, causaram a queda do lar do Tonho Canoeiro.

Continuam a correr as lagrimas de Maria, por entre sa rugas de seu rosto maltratado pelos anos. Lagrimas desesperadas, de uma desesperada angustia. Qual a dor que pode comparar-se à dor de uma mãe que chora o desmoramento de seu lar e a infelicidade dos seus filhos?

Mas, isto é uma cena comum: uma mãe pobre que chora. Agora mesmo quantas mães pobres choram aquelas mesmas lagrimas? Quantos lares pobres ruem neste momento? Quantas Rosinhas estarão fugindo, pela noite a-dentro, para uma outra noite — uma noite moral — tenebrosa de desgraça e corrupção? Quantas?

E até quando ouvirá mudo o choro dessas mães? Até quando suas lagrimas continuarão regando o piso de barros das cabanas, sem eco, sem ressonancia, sem resposta?

Até quando continuarão chorando, senhores, as mães pobres do Brasil? ATE' QUANDO???

(MUSICA)

FIM

